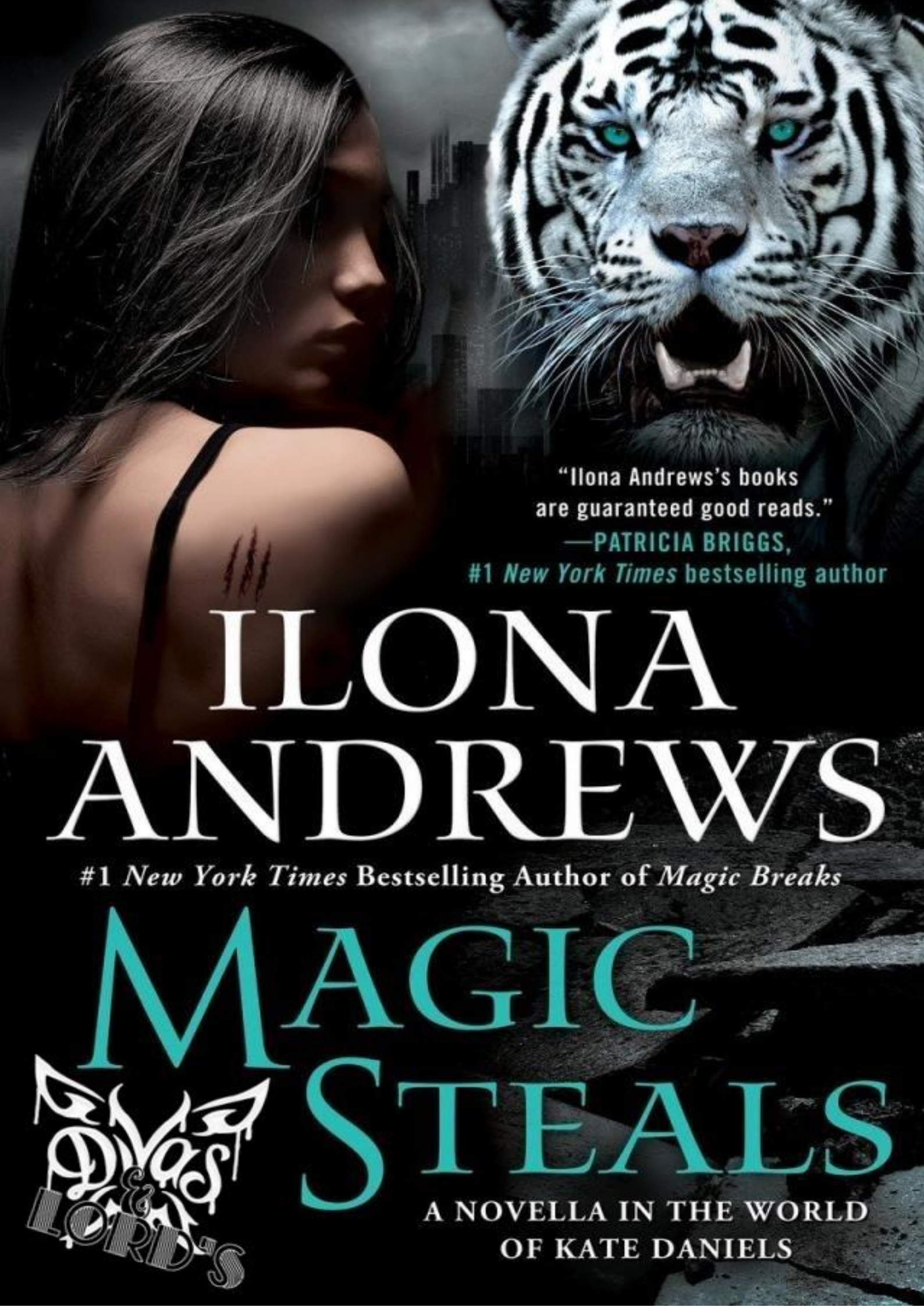


"Ilona Andrews's books are guaranteed good reads."
—PATRICIA BRIGGS,
#1 *New York Times* bestselling author

ILONA ANDREWS

#1 *New York Times* Bestselling Author of *Magic Breaks*

MAGIC STEALS

A NOVELLA IN THE WORLD OF KATE DANIELS

MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Mais uma Produção Exclusiva das Divas & Lord's FOREVER

Traduzido do Inglês e Espanhol por Fãs

Disponibilizado por: Janiele

Tradução e 1ª Revisão: *Bia Divas

Revisão, Leitura Final e Formatação:

*Bia Divas e *Divas Rosa





Aviso 1

Essa Tradução foi feita pelo grupo Divas & Lord's FOREVER de forma a proporcionar ao leitor acesso à obra motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por Editoras Brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho no grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o Autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em Português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a Tradução.

Se você quer continuar tendo acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o Autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que fazer a nossa parte. Você pode adquiri-lo no formato EBOOK em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e nossos amados Autores.

Não publiquem nossos livros em SITES, WATTPAD, FACEBOOK, BLOGGERS ou qualquer lugar público na internet.

Faça a sua parte e terá sua Leitura garantida por muito tempo!

KATE DANIELS

SÉRIES



Distribuídos



Lançamento



Próximos Lançamentos



KATE DANIELS 7



KATE DANIELS 8



CONTO 8.5



CONTO 8.7

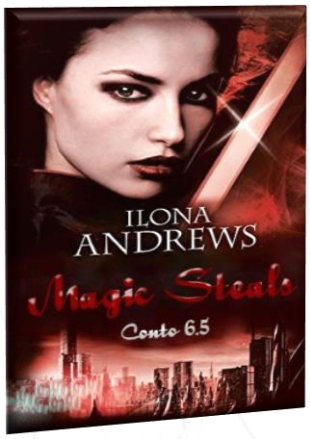




Roubos Mágicos

Ilona Andrews

Copyright © 2016



A metamorfa tigresa ***Dali Harimau*** é uma poderosa purificadora e usuária de magia, mas ela está longe do que pode ser chamada de 'normal'. Dali não gosta da violência e do derramamento de sangue, que são um modo de vida para a maioria de sua espécie, chegando mesmo a se tornar uma vegetariana. A última coisa que ela quer é problema ...

Jim Shrapshire é um idiota, arrogante e durão. Um metamorfo jaguar, que é encarregado de manter o Clã Felino de Atlanta na linha, o que faz com pulso firme e ferocidade quando necessário. Seu único ponto fraco é a pequena Dali, cuja a bondade ele recorre quando está ferido.

Quando Dali é abordada por uma mulher desesperada cuja a avó desapareceu, Jim fica preocupado o suficiente para ajudá-la a investigar. Mas o que eles irão encontrar pode ser o fim de suas vidas - um inimigo cuja habilidade nas artes das trevas é igualada apenas por sua disposição em matar qualquer um em seu caminho ...



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



EU ME OLHEI NO ESPELHO. Usava uma minúscula calcinha preta e uma *cinta-liga*[1] de cetim vermelho tomate com detalhes pretos de renda. A etiqueta de preço descrevia a cor como vermelho escarlate, mas na verdade era vermelho tomate. A cinta-liga segurava meias arrastão pretas. Um sutiã combinando fazia o seu melhor para levantar meus pequenos seios. Eles eram realmente muito pequenos. Eu não era apenas magra. Quando fizeram o meu corpo, alguém leu as instruções

---



1



erradas. Tinha seios pequenos, quadris estreitos, pernas finas como pauzinhos e joelhos proeminentes. Parecia ridícula.

A descrição do sutiã prometia *'curvas atraentes'* e encorajava qualquer uma a *'flertar com um decote mais impressionante.'* Eu me inclinei na penteadeira do banheiro e soprei o ar para fora. *Que merda!*

Olhei para o meu reflexo no espelho. — Você é uma metamorfa tigresa. Confiante. Agressiva. *Roarrrr ...*

Ainda assim é ridícula.

Poderia ter sido pior, disse a mim mesma. Poderia ter acabado escolhendo calcinha e sutiã de *cota de malha*[2]. A loja de lingerie tinha desses também.

---

2 



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



A balconista recomendara algo rosa e transparente com fitas. Mas isso estava fora de questão. Eu já era baixinha e magra. Algo transparente me engoliria. Além disso, lingerie rosa era coisa de boneca. O estilo fofinho e doce era a última coisa que eu queria ter, porque esta noite Jim Shrapshire e eu tínhamos um encontro.

Jim Shrapshire comandava o Clã Felino, um dos sete clãs do Bando de Metamorfo de Atlanta. Era um metamorfo jaguar, e normalmente trabalhava como chefe de segurança do Bando. Jim não era apenas um fodão. Ele era o fodão que escreveu o livro para os fodões sobre *'como ser um fodão mais fodão possível'*. É por isso que, quando Curran, o Senhor das Feras e o governante do Bando, teve que fazer uma expedição ao Mediterrâneo, deixou Jim encarregado de mil e quinhentos metamorfos. Curran se fora há cerca de um mês e Jim mantinha o Bando sob controle com garras de ferro. Ele era o





homem mais inteligente que conheci. Era assustador, engraçado, tinha músculos em todos os lugares imagináveis e, por alguma razão estranha, ele gostava de mim.

Pelo menos pensei que ele gostasse de mim. As coisas estavam complicadas. Jim era o alfa do Clã Felino, consequentemente o meu alfa e ele tinha sido muito cuidadoso em não tirar vantagem disso. Nós temos tentado namorar, mas Jim está sempre muito ocupado e eu também, então mal nos encontramos a cada duas ou três vezes por semanas. Nos nossos encontros conversamos sobre tudo que há para conversar e dessa forma já conhecemos muita coisa um do outro. Ele me deixou definir o ritmo e decidir o quão longe poderíamos ir e nesses primeiros encontros nós não fomos muito longe.

Beijar Jim era a minha definição de nirvana, mas uma pequena parte de mim nunca acreditou que ele estava





realmente interessado em mim. Jim precisava de uma mulher igual a ele: *uma mulher poderosa, agressiva e sexy.* O que ele tinha era uma Dali: *uma garota magrela, vegetariana, que usava óculos com lentes tão grossas quanto o fundo de uma garrafa de Coca-Cola, que vomitava quando cheirava sangue, e era tão útil em uma briga quanto uma quinta perna em um burro.* Acima de tudo, minha mãe, que me amava mais do que o mundo inteiro, não me descreveria como bonita. Ela dizia às pessoas que eu era inteligente, corajosa e educada. Infelizmente nada disso me ajudava agora, porque esta noite eu queria ser sexy. Queria seduzir Jim.

Planejei tudo. Comprei um vinho. Preparei uma boa refeição. Até fiz um bife! Cozinhei a carne por último em uma panela separada para garantir que não houvesse resquícios de





carne no meu *nhoque*[3]. Confesso que tampei o meu nariz por causa do cheiro e usei dois garfos para movê-la porque eu não queria tocá-la, mas eu tinha certeza que estava cozida corretamente.

Escolhi essa lingerie porque a modelo que usava no anúncio parecia exatamente do jeito que eu queria ser: *alta, seios grandes, bunda grande, cintura fina e tinha o tipo de rosto que faria os homens olhar para ela.* A lingerie era ótima, para ela.

Olhei de volta para o meu reflexo. Queria seduzi-lo, não fazê-lo cair na gargalhada. Se eu não tivesse colocado o rímel, teria chorado.



3 O nhoque ou inhoque, também conhecidos no termo do italiano gnocco, plural gnocchi, é uma massa alimentícia preparada a base da mistura de batata, ou mandioca com farinha de trigo, sendo um prato típico da culinária da Itália, que pode ser servido com os molhos: Sugo, bolonhesa ou branco.





Nada disso poderia importar de qualquer maneira. Eram oito e vinte da noite. Jim estava atrasado. Talvez ele tenha se ocupado. Talvez tenha mudado de ideia sobre essa coisa de namorar.

A campainha tocou.

Ah! Eu me virei para o banheiro, peguei meu *quimono de seda azul*[4], o vesti e corri escada abaixo.

A campainha tocou novamente. Verifiquei o olho mágico. Meu coração pulou uma batida. *Jim!*

Abri a porta. Ele estava na minha porta, alto, negro e tão gostoso que me deixou de joelhos fracos.

Por anos o desejei e toda vez que eu o via, minha respiração ainda ficava travada. Seu perfume tomou conta de

---

4 



mim, sândalo, e o cheiro suave de baunilha de seu desodorante, o toque de cítricos e hortelã de seu xampu, e abaixo de todas essas camadas de cheiros estava a fragrância exclusiva de sua pele, uma mistura complexa de suor e do cheiro masculino, levemente áspero, que dizia '*Jim*' para mim.

Todas as minhas palavras inteligentes desapareceram e eu me transformei em uma boba.

— Ei! —*Oh, ótimo. Não tem coisa melhor para dizer?*

— Oi. —Ele entrou. Usava jeans escuro, uma camiseta preta e um casaco de couro por cima. Jim usualmente usava preto. Sua pele era negra escura, o cabelo preto curto, deixando o rosto masculino descoberto.

Ele se inclinou para frente. Eu fiquei na ponta dos pés e dei um beijo em seus lábios. Ele não me beijou de volta.

Algo estava errado.



— Comprei uma garrafa de *Cabernet Franc*[5], —eu disse. Jim cozinhava como um chef e gostava de vinho. O homem da loja de vinhos me disse que este era um vinho premiado. — Da *Vinícola Tiger Mountain*[6].

Ele assentiu, mas nem sequer esboçou um sorriso.

Será que Jim iria terminar o nosso namoro?

— Eu vou buscá-lo. —Minha voz saindo estridente. — Vá em frente e sente-se.

Entrei na cozinha, peguei as duas taças de vinho e derramei o vinho tinto nelas. *Ele não poderia estar terminando comigo.*



5 O **Cabernet Franc** é uma variedade de uva tinta da família dos cabernets, do qual é proveniente.

6 A **Tiger Mountain Vineyards**, é uma vinícola e loja no Norte da Georgia-EUA, que cultiva todas as suas uvas e produz todos os seus vinhos artesanais nas montanhas do condado de Rabun. A adega, juntamente com o seu histórico Red Barn Cafe, é propriedade conjunta de quatro georgianos nativos, John e Martha Ezzard e John e Marilyn McMullan.





Peguei as taças e entrei na sala de estar.

Jim estava dormindo no meu sofá.

Ah não. A última vez que o encontrei dormindo em minha casa, uma criatura em forma de aranha estava se alimentando de sua alma. *De novo não.*

Coloquei as taças na mesa lateral, agarrei seus ombros e balancei. — Jim! Jim, fale comigo.

Jim piscou e abriu os lindos olhos escuros. Eles estavam vidrados como se não estivesse totalmente acordado.

— Você está bem? O que há de errado?

Ele olhou para mim. — Eu fui desafiado.

No Bando, os desafios pessoais decidiam a liderança. Eram lutas até a morte. Não havia misericórdia. — Quem?

— Roger Mountain, —disse ele.





Roger Mountain era uma pantera, cruel e implacável. Jim estava vivo, então presumi que ele teve que matar Roger, mas eu tinha visto Roger lutar antes. Ele rasgou seus oponentes em pedaços.

— Quão ruim? —Eu perguntei.

— Não tão ruim.

— Jim?

Ele levantou o lado de sua camiseta. Seu torso inteiro estava escuro. Levei um segundo para perceber que era uma contusão recente. *Oh seu homem idiota*. — Os médicos magos viram isso? —O Bando tinha seu próprio hospital e nossos médicos magos eram os melhores da região.

— Claro.

— O que eles disseram?

— Eles disseram que estava tudo bem.





— Eu vou bater em você com uma garrafa de vinho, — rosnei. — O que eles realmente disseram?

— Falei com Nasrin. Ela disse que eu precisava descansar por vinte e quatro horas.

Claro que ela deve ter recomendado repouso. A luta provavelmente drenou todas as energias de Jim, e mudar de forma exigia muita energia, especialmente nos momentos que a magia estava de folga.

Magia inundava o nosso mundo em ondas. Quando ela estava ativa, os feitiços funcionavam e a transformação metamórfica era mais fácil e tranquila. Se um metamorfo normal precisasse mudar de forma duas vezes em vinte e quatro horas, o Lyc-V, o vírus metamorfo, exigia de seu corpo um cochilo forçado. Eu estava isenta dessa regra, porque mesmo carregando o vírus, minha magia era de origem



mística, mas Jim não era. Com a tecnologia no controle, uma luta nas costas e duas mudanças de forma, Jim deveria estar na cama, não aqui.

— Então, em vez de descansar, você saiu da forma de guerreiro e dirigiu até aqui? —*Ele não poderia ter sido tão imprudente. Poderia ter adormecido ao volante.*

Jim bocejou. — Eu não queria perder nosso encontro. — Ele sorriu para mim. — Você está tão bonita.

Oh seu grandessíssimo idiota.

— Eu só preciso me deitar aqui por um segundo, —disse ele e fechou os olhos.

Jim tinha um metro e oitenta de altura. Meu sofá era minúsculo. Se ele dormisse aqui não conseguiria andar pela manhã. — Nasrin disse repouso na cama, não descanso no

sofá. —Encaixei meu ombro sob sua axila. — Vamos. Vamos subir para o quarto.

Seus olhos se iluminaram por meio segundo. — Bem, se você insistir ...

— Eu insisto. —O puxei para cima. Eu era uma metamorfa tigresa vegetariana, mas ainda era um metamorfa. Poderia carregá-lo pelas escadas, mas acredito que ele não iria concordar com isso. — Vamos.

Subimos as escadas e o coloquei na cama. Amava enormes camas macias, e a minha era uma *queen size*[7] com uma coberta acolchoada tão grossa que eu tinha que pular para entrar nela. Jim aterrissou e afundou. Peguei suas botas, mas ele se sentou.

— Pode deixar que eu tiro.

[7] Uma cama de casal com medidas maiores do que a cama de casal padrão.

Mais um Projeto das Divas & Lord's



Suas botas bateram no chão. Ele se deitou e fechou os olhos. Entrei no armário e tirei minha lingerie. Não queria que ele me visse nisso e acabasse imaginando que eu tinha um plano para a noite e estaria chateada porque ele entrou em colapso. Não me importava com o plano. Só queria que ele ficasse bem. Coloquei uma calcinha de algodão lisa e uma blusa branca, saí e escorreguei para a cama ao lado dele.

A magia rolou sobre nós em uma onda invisível. Todas as luzes elétricas se apagaram e a lanterna no banheiro se agitou, brilhando com um azul suave. Minha magia fluiu através de mim. *Excelente. Ele curaria mais rápido durante uma onda mágica.*

— Desculpe, estraguei o nosso encontro, —Jim murmurou.





Eu me aconcheguei nele, minha mão em seu peito, com cuidado para não pressionar muito forte o machucado. — Você não estragou nada. Isto é perfeito.



TOC, TOC, TOC.

Abri meus olhos. Estava deitada na minha cama. Inalei profundamente e senti o cheiro de Jim. Seu cheiro estava ao meu redor, o cheiro limpo e cítrico que me deixava louca. Seu braço na minha cintura, seu corpo quente contra o meu lado.

Jim estava na minha cama e ele me segurava. Sorri.

Toc, Toc, Toc.





Alguém batia na minha porta da frente. *Tudo bem. Seja lá quem for poderia continuar batendo. Apenas continuaria deitada aqui, na minha cama macia, envolvida em Jim. Hummm ...*

— Dali! Abra a porta.

Mãe.

Sentei rapidamente. Jim saltou para cima e sentou também, com os braços levantados, o corpo tenso, pronto para atacar. — O que foi?

— Minha mãe está aqui! —Pulei para o chão, puxei um par de shorts debaixo da minha cama, e pulei em um pé tentando colocá-los.

Ele exalou. — Pensei que era uma emergência.

— É uma emergência, —falei entre os dentes em um sussurro teatral. — Fique aqui! Não faça barulho.

— Dali, —ele começou.





Peguei um travesseiro e joguei nele. — Shiuuu!

Ele piscou. Peguei meu quimono, coloquei por cima de minha camiseta, fechei a porta do meu quarto e desci correndo as escadas, segurando o corrimão com força para não tropeçar. A última coisa que eu precisava era que minha mãe descobrisse que Jim estava no meu quarto. Seria um grande choque para ela, as perguntas não teriam fim e então ela iria querer saber se já tínhamos marcado a data do casamento e quando os netos chegariam. Eu nem sabia se Jim estava falando sério sobre o nosso relacionamento.

Pulei os últimos sete degraus, amarrei meu quimono e alcancei a porta.

As taças de vinho. Oh merda! Peguei as duas taças de vinho, corri para a cozinha, despejei o vinho na pia, enfiei no armário





mais próximo, esvaziei a sopa *vegetariana de curry*[8] na pia, joguei o nhoque de abóbora no lixo, peguei o bife que fiz para Jim e enfiei-o na lata de lixo também, para o caso de minha mãe decidir dar uma olhada na cozinha. Lavei as mãos, corri para a porta e a abri.

Minha mãe levantou as mãos. Ela estava segurando sua bolsa em uma e uma caixa de donuts na outra. Ela era uma cópia exata de mim, exceto trinta anos mais velha. Nós duas éramos pequenas e quando falávamos acenávamos demais com as mãos. Uma mulher da minha idade estava ao lado dela. Tinha cabelos escuros, olhos grandes e um rosto bonito em forma de coração. Iluh Indrayani. Como eu, ela nasceu nos

---

[8]  O caril ou **curry** é uma mistura de especiarias muito utilizada na culinária de países como Índia, Tailândia e alguns outros países asiáticos.





EUA, mas os pais dela vieram da Indonésia, da ilha de *Bali*[9]. Sua mãe conhecia minha mãe e nos encontramos algumas vezes, mas nunca chegamos a conversar.

Algo ruim aconteceu. A única vez que minha mãe trouxe visitantes que não eram da família para minha casa foi quando algum tipo de emergência mágica ocorreu.

— Você me deixou na porta por meia hora, —minha mãe bufou.

— Estava dormindo. —Segurei a porta aberta. — Entrem.

Elas entraram, minha mãe na liderança. Iluh me deu um olhar de desculpas. — Sinto muito incomodá-la em um sábado.



9 **Bali** é uma ilha e província da Indonésia, situada na extremidade ocidental do arquipélago das Pequenas Ilhas da Sonda, entre as ilhas de Java e de Lombok.





— Tudo bem, —eu disse a ela.

Nós nos sentamos na cozinha.

— Você gostaria de algo para beber? —Perguntei.

Minha mãe acenou com as mãos. — Você fala. Eu vou fazer café.

Acima de nós algo bateu. *Congelei.*

Minha mãe olhou para o teto. — Você ouviu isso?

— Ouvi o que? —Perguntei, meus olhos arregalados. *Vou matar Jim.* Ele podia se sentar completamente imóvel por horas quando estava em vigia. Eu o vi fazer isso. Sabia que ele estava fazendo barulho de propósito agora.

Bam!

— Isso! —Minha mãe se tornou predatória como uma ave de rapina. — O que foi isso?





Uma mentira, pense em algo rápido, uma mentira, mentira ... — Eu tenho um gato.

— Que tipo de gato? —Os olhos de minha mãe se estreitaram.

— Um grande.

— Eu quero ver, —disse mamãe. — Traga-o aqui.

— Ele era um gato de rua e é um pouco arisco. Provavelmente está se escondendo. Provavelmente nem vou conseguir encontrá-lo agora.

— Há quanto tempo você tem ele?

— Alguns dias. —Quanto mais eu mentia, mais profundo me afundava. Minha mãe tinha um cérebro como um supercomputador. Ela não perdia nada.

Mamãe apontou uma colher de chá para mim. — Ele é castrado?





Oh meus deuses! — Ainda não.

— Você precisa castrá-lo. Caso contrário, ele vai fazer xixi em toda a casa. O fedor é horrível. E mesmo que ele não esteja saindo por aí, pequenas gatas no cio vão aparecer e gemer sob as janelas.

Mate-me, por favor. — Ele é um bom gato. Não é desse tipo.

— É instinto, Dali. Antes que você perceba, estará comandando um prostíbulo felino.

— Mãaae!

Minha mãe acenou com a colher e voltou a fazer café.

Eu me virei para Iluh. Ela me deu um olhar simpático que dizia: *'Já passei por isso, aguentei firme e ganhei uma medalha de boa filha'*.

— O que posso fazer por você? —Perguntei.





Iluh cruzou as mãos no colo. — Minha avó está desaparecida.

— *Eyang*[10] Ida?

Iluh assentiu.

Eu me lembrei de Ida Indrayani. É uma senhora simpática de sessenta e tantos anos com um sorriso caloroso e amigável. Ela ainda trabalhava como cabeleireira. A família realmente não precisava do dinheiro, mas *Eyang* Ida, a avó Ida, como costumava ser chamada, gostava de ser social.

— Há quanto tempo ela está desaparecida?

— Desde a noite passada, —disse Iluh. — Ela deveria ter indo à minha festa de aniversário à noite, mas não apareceu. Meu marido Sutan e eu paramos na casa dela no caminho de volta do restaurante. As luzes estavam apagadas. Nós batemos

[10] Indonésio: Avó.



na porta, mas ela não respondeu. Pensamos que talvez ela tivesse adormecido e fomos embora. A audição dela não é muito boa agora, e quando ela adormece é difícil acordá-la. Meus pais vivem insistindo que vovó more com eles, mas ela não quer. Nós voltamos para a casa dela logo de manhã, mas ela não estava lá. Também não abriu o salão e foi aí que soubemos que algo estava realmente errado. Minha mãe tem uma chave sobressalente, então fomos até lá e abrimos a porta. Minha avó não estava em lugar nenhum e havia sangue na varanda dos fundos.

Isso não era bom. — Quanto sangue?

Iluh engoliu em seco. — Apenas uma mancha.

— Mostre a ela, —minha mãe disse.

Iluh enfiou a mão na bolsa de couro. — Encontramos isso ao lado do sangue.



Ela tirou um saco *Ziploc*[11] da bolsa. Dentro havia três fios grossos de cabelos negros. Um pouco maior do que vinte centímetros de comprimento, pareciam algo que você tiraria da crina de um cavalo.

— Fomos à polícia, mas eles disseram que precisávamos esperar quarenta e oito horas antes que minha vó pudesse ser declarada desaparecida.

Eu abri a bolsa e cheirei. *Eca*. Um tipo de cheiro amargo e seco, misturado com um traço repugnante de sangue podre. Joguei os fios de cabelos sobre a mesa e cuidadosamente toquei em um deles. Magia beliscou meu dedo. O cabelo ficou branco e se partiu, como se fosse queimado de dentro para fora. Magia ruim. Magia ruim e familiar.

---

[11]  A Ziploc é uma marca de sacos e recipientes de armazenamento com zíper reutilizáveis e resseláveis, originalmente desenvolvidos e testados comercialmente pela The Dow Chemical Company em 1968 e agora produzidos pela S. C. Johnson & Son.





Iluh ofegou.

— Eu te disse, —minha mãe disse com orgulho em sua voz. — Minha filha é a tigresa branca. Ela pode banir o mal.

— Nem todo mal, —eu disse, e empurrei um bloco de anotações em direção a Iluh. — Você poderia escrever o endereço da sua avó para mim? Precisarei visitar a casa.

Iluh rabiscou e tirou uma chave da bolsa. — A chave reserva. —Ela escreveu outro endereço. — Esta é a casa dos meus pais. Estarei lá hoje. Há algo que eu possa fazer? Quer que eu vá com você?

— Não. —Ela só iria atrapalhar.

— Preciso pagar você?

Minha mãe congelou na cozinha, mortalmente ofendida.

As pessoas muitas vezes confundem etnia com identidade cultural. Só porque alguém parece japonês ou indiano, não



significa que ele tenha fortes laços culturais com o país de origem. A identidade cultural é algo mais complexo. Por causa da natureza da minha magia, eu era conhecida por muitos indonésios em Atlanta, e aprender sobre a cultura e os mitos dos meus antecedentes não era apenas uma parte da minha herança, era parte do que me fez a melhor no que eu fazia. Iluh escolheu ter poucas ligações com as famílias indonésias. Culturalmente ela era mais americanizada. Você não pode se ofender com alguém que simplesmente não sabia como as coisas funcionavam.

— Você não tem que me pagar, —expliquei gentilmente. — Faço isso porque é minha obrigação para com a comunidade. Há muitas gerações atrás, minha família recebeu o dom dessa magia para que pudéssemos ajudar os outros. É meu dever e estou feliz em fazê-lo.

Iluh engoliu em seco. — Sinto muito.



— Não, não, sinto muito que você tenha se sentido desconfortável. Por favor, não se preocupe com isso.

— Obrigada, —disse ela. — Por favor, encontre-a. Ela é minha única avó.

— Farei o que puder, —eu disse a ela.



ANDEI COM ILUH até a porta. Quando voltei, minha mãe cruzou os braços. — Pagar? Como se você fosse algum tipo de empregada?

— Deixe isso para lá, mãe. Ela simplesmente não sabia.





— Ela deveria saber. Essa é minha opinião. Você está indo na casa da senhora?

— Sim. Vou apenas me vestir.

— Bom, —minha mãe disse. — Vou fazer o jantar enquanto você estiver fora. Dessa forma, quando voltar, haverá algo para comer.

Não! — Muito obrigada, mas estou bem.

— Dali! —Minha mãe abriu a geladeira. — Não há nada aqui, exceto arroz. Você pode ter que precisar purificar uma casa hoje. Nem tem bolos para a oferta.

Não havia nada lá porque eu estava planejando guardar as sobras do jantar que fiz para Jim. Jim, que atualmente se escondia no andar de cima e a quem eu tinha que colocar para correr daqui. — Iria fazer compras hoje. E vou roubar alguns



dos seus donuts para a oferta. Tenho maçãs na geladeira e meu jardim estar desabrochando. Isso será suficiente para a oferta.

— Vou fazer algo para você comer. Olhe para você, é pele e ossos.

— Mãe, estou perfeitamente bem. Tenho vinte e sete anos de idade.

— Sim você tem. Sua pia cheira mal, sua geladeira está vazia e seu lixo transbordando. Olhe!

Minha mãe tirou duas taças de vinho sujos do armário.

Como ela sabia? Era como se ela tivesse um radar.

— O que é isso? Você esteve bebendo?

Alguém me ajude.

— Bebendo sozinha? Isso não é saudável para você. Olha, você nem se incomodou em lavar a taça. Acabou pegando

outra e depois enfiou a suja aqui. Isso é o que os alcoólatras fazem.

— Sou uma metamorfa, mãe. Não posso ficar bêbada mesmo que eu tentasse. —Tecnicamente poderia. Se eu bebesse uma garrafa inteira de uísque ficaria zumbindo por cerca de vinte minutos, e então meu corpo metabolizaria o álcool e eu estaria tão sóbria quanto um bebê.

— Bebendo, sem comer adequadamente, mexendo com gatos de rua. —Minha mãe balançou a cabeça. — Você sabe do que precisa? Precisa conhecer um homem legal. Precisa se casar e ter muitas crianças saudáveis ...

Coloquei minhas mãos no meu rosto.

Algo bateu em cima de nós novamente.

— Para mim chega. —Minha mãe marchou para as escadas. — Vou ver esse gato.



— Você vai assustá-lo! —Eu a persegui pelas escadas. — Mãe!

Minha mãe abriu a porta do meu quarto. Estava vazio.

— Gatinho, gatinho ... —Minha mãe se abaixou e olhou debaixo da cama. — Gatinho, gatinho ... o seu gato fala indonésio?

Na verdade, ele fala. Aprendeu por minha causa.

— Eu te disse, ele está se escondendo. —Talvez tenha saído pela janela.

A porta do closet estava aberta. A lingerie vermelha tomate que eu tinha deixado no tapete havia sumido.

— Gatinho, gatinho, gatinho, gatinho ...

Jim ainda estava aqui. Eu podia sentir o cheiro dele. Entrei no armário e levantei a cabeça. Jim estava acima da porta, com as pernas apoiadas nas prateleiras superiores do armário, as



costas encostadas na parede. A lingerie estúpida pendurada em seus dedos.

Eu queria entrar em um buraco no chão.

Jim balançou a lingerie para mim e levantou as sobrancelhas escuras.

Minha mãe se virou. — Por que está toda corada desse jeito?

Tinha que tirá-la do meu quarto agora. — Mãe, preciso ir procurar por *Eyang* Ida, —eu disse. — Vou me vestir e estou saindo.

Minha mãe olhou para mim.

— Posso ter alguma privacidade?

— Tudo bem. —Ela balançou a cabeça e saiu do quarto. A ouvi descer as escadas, corri, tranquei a porta do quarto, me escorei contra ela e soltei o ar aliviada.



Jim saiu do armário, movendo-se completamente silencioso através do tapete e encostou-se à porta ao meu lado.

— Quanto custou aquela coisa? —Ele sussurrou.

— Não importa, —eu sussurrei de volta para ele. — Você fez isso de propósito.

— Fiz o que?

— Todo o barulho aqui em cima. O que você é? Um jaguar ou um elefante?

— Sou um gato de rua, aparentemente. E sua mãe quer me castrar.

— Ela não iria querer te castrar se você tivesse ficado quieto. —A castração era a última coisa que ele deveria estar preocupado. Se ela o encontrasse, ficaria muito feliz e correria rapidamente dessa casa para que pudéssemos nos ocupar em fazer os netos dela.





Jim se virou e me agarrou. Seus olhos brilhavam com uma luz divertida.

— O que você está fazendo? —Sussurrei. — Estou brava com ...

Sua boca se encaixou na minha. Seus lábios roçaram os meus, provocando, persuadindo, e eu derreti, abrindo minha boca. Ele deu uma única lambida sensual pelos meus lábios e tremi. Seu perfume girava em torno de mim, cítrico, doce e picante, levando-me para um lugar secreto, onde havia apenas Jim, meu Jim sexy e louco, com seus braços fortes em volta de mim. Seu beijo ficou intenso, apaixonado, depois possessivo. Cada golpe de sua língua dizia: *'Eu quero você'*. Envolvi minhas pernas em seus quadris e deixei que ele me beijasse. Nossas línguas se misturaram, enquanto compartilhávamos o mesmo fôlego. Jim não tinha ideia do quão bonita ele me fazia sentir quando me beijava assim.





— *Dali! Por que está demorando tanto?*

Eu me afastei dele.

Ele balançou a cabeça, seus braços ao meu redor, ainda me prendendo. — Não.

— Tenho que ir.

— Não, você não tem.

Mexi meu corpo, me esfregando nele e o senti. Ele estava duro e pronto para a ação.

— Jim, deixe-me ir. Não podemos fazer isso agora.

Ele assentiu. — Sim, nós podemos.

— Minha mãe está lá embaixo.

Ele não parecia impressionado.

— Foi a lingerie vermelha, não foi? —Sussurrei.





— Não, na verdade, foi a sua pequena camiseta e calcinha quando você pulou da cama esta manhã. Ou especificamente o que estava dentro deles.

— *Dali?* —Minha mãe chamou.

Eu caí sobre ele. — Ela não vai deixar passar.

— Você vai dirigir qual carro? —Ele perguntou.

— Pooki.

Ele me soltou. — Vou alcançá-la.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Jim abriu a janela e pulou para fora dela. Suspirei e gritei: — Estou indo mãe! —E fui me vestir.







POOKI ERA MEU *Plymouth Prowler*[12]. Quando você mal chega a pesar quarenta e cinco quilos e outros metamorfos zombam de sua cara pelas suas costas porque você é a única tigresa que come grama em todo o estado, você tem que fazer algo para provar que não é uma covarde. E eu provava através dos carros. Corria neles. Infelizmente ser quase cega significava que me acidentava muito, mas ser uma metamorfa significava que a maioria das vezes não me machucava, então o risco se equilibrava. Como o alfa do Clã Felino, Jim continuava me proibindo de correr. Eu continuava desobedecendo-o. As corridas eram algo vital para mim. Quando corria, me sentia forte e poderosa. Eu me sentia muito

---

12  Plymouth Prowler





bem. Não podia desistir disso, não importa quantas vezes tivesse destruído meus carros.

Normalmente *Pooki* ocupava um lugar precioso na minha garagem, mas um amigo me pediu para cuidar de seu *Corvette*[13]. Ele morava em um bairro não muito seguro e estava paranoico com o fato de seu *'bebê'* ser roubado enquanto ele estava fora da cidade. Então, ultimamente o Corvette estava descansando na garagem ao lado de Rambo, meu *Mustang 1993*[14], e Pooki teve que sofrer a indignidade de ficar estacionado na entrada da garagem. Olhei em volta. Nenhum sinal de Jim. *Humm.*

---

13  Corvette.

14  Mustang 1993



MAGIC STEALS



Ilona Andrews

Livro 6.5

Abri Pooki, entrei e comecei a cantar baixinho. A magia estava a todo vapor e demorou quinze minutos para que o motor movido a água encantada funcionasse. Pooki tinha dois motores, um a gasolina e o outro de água encantada. Motores de combustão interna se recusavam a entrar em combustão durante a magia, o que não fazia sentido científico, porque os gases da gasolina ainda queimavam ao ar livre. Mas tentar entender a magia pelas *leis newtonianas*[15] da física e pela *termodinâmica de Gibbs*[16] era inútil. A magia não desobedecia a essas leis, ela simplesmente as ignorava.

O motor ronronou. Esperei por mais um segundo, esperando que Jim saltasse para o carro do nada, mas nada aconteceu. Seu perfume ainda estava em mim. Suspirei, sai

[15] **Leis de Newton** é uma expressão designada às três leis que possibilitam e constituem a base primária para compreensão dos comportamentos estático e dinâmico dos corpos materiais, em escalas quer celeste quer terrestre.

[16] Em **termodinâmica,** a energia livre de Gibbs é uma grandeza que busca medir a totalidade da energia atrelada a um sistema termodinâmico disponível para execução de trabalho "útil" - trabalho atrelado ao movimento em máquinas térmicas, a exemplo



pela entrada e desci a rua. Era demais esperar por um dia inteiro juntos. O Bando sempre estava mantendo-o ocupado.

Parei no semáforo. A porta do passageiro se abriu e Jim sentou no banco ao meu lado. Travei as portas do carro. *Há, há! Ele estava preso.*

— Vou tentar encontrar *Eyang* Ida. Ela é uma boa senhora, que desapareceu da casa dela e algum tipo de magia ruim está envolvida.

Ele assentiu. — Posso ir junto?

— Sim. Coloque o cinto de segurança.

— Eu deveria dirigir, —disse ele.

Eu ri.

— Dali, —disse ele no seu tom *'Estou falando sério'*. — Já vi você dirigir.



— Ninguém dirige Pooki além de mim. Você sabe disso. Cinto de segurança.

Jim prendeu o cinto de segurança e se preparou.

Eu pisei no acelerador. Nós dobramos a próxima esquina a cinquenta quilômetros por hora. Na minha opinião, Pooki não estava no seu melhor desempenho, mas Jim xingou meio tenso.

Eu ri um pouco. — Não se preocupe, a magia acabou. O mais rápido que vamos conseguir será setenta.

Jim travou as pernas no banco. Se ele estivesse em sua forma de jaguar, seu pelo estaria em pé e todas as suas garras estariam fora, afundadas no estofamento.

Passamos pelos destroços de uma ruína de um prédio de escritórios, que se projetava para o céu, com suas entranhas saqueadas há muito tempo por vizinhos empreendedores. A



magia odiava os subprodutos da tecnologia, incluindo pavimentação, computadores e prédios altos. Qualquer coisa com mais de três ou quatro andares, a menos que fosse construída à mão e protegida por feitiços, desmoronava em pó. Todo o centro da cidade de Atlanta estava em ruínas e os edifícios ainda caíam sem aviso aqui e ali. A maioria dos moradores não se importavam. A exposição repetida a estímulos indutores de medo cria familiaridade, o que, por sua vez, reduz bastante a ansiedade. Nós nos acostumamos ao caos e a falta da tenologia. Edifícios caindo e monstros não mais nos aterrorizavam. Eu não tinha medo de monstros em primeiro lugar. Eu era um.

— Quando você vai contar a sua mãe sobre nós? — Perguntou Jim.

Nunca.



— Você lembra que ela já me conhece, certo?

Fiz um barulho estranho com a boca. Isso foi tudo que consegui fazer.

— Estou velho demais para me esconder em armários, — disse ele.

— Você não teria que se esconder em um armário se não saísse batendo nas coisas.

— Qual é o problema? —Ele me perguntou.

Garotas como eu não namoravam caras como Jim. E se elas namorassem, não duraria muito. Jim era tudo que um alfa de um clã deveria ser: *poderoso, feroz e implacável.* O Clã Felino não era o clã mais fácil de lidar. Todos gostávamos de nossa independência e nos irritávamos com a autoridade, mas ouvíamos Jim. Ele conquistou isso. Ele governava como um alfa, lutava como um alfa, e tinha o corpo de um também,





ombros largos, braços fortes, peito grande, um abdome perfeito. Você olhava para ele e pensava: *'Uau'.* Você olhava para mim e pensava ... bem, eu era tudo o que um alfa de um clã não era: *um corpo fisicamente frágil, com uma aversão ao sangue e uma visão tão ruim que nem o Lyc-V conseguia consertar, porque estava ligado à minha magia.* Se eu pudesse me transformar em alguma fera de combate mortal, poderia ter uma chance. Mas minha imagem feroz de tigre era apenas superficial. Eu lutaria se minha vida fosse ameaçada, mas para ser um alfa, você teria que viver em combate.

Não que Jim fosse algum tipo de viciado em assassinato. Ele lutava apenas como um último recurso e quando isso acontecia, Jim era precisamente metódico, brutal e rápido. Amava isso nele. Ele era tão competente no que se propunha





a fazer, que às vezes era assustador, e eu o admirava muito por isso.

Mas eu também o tinha visto em combate vezes suficientes para reconhecer a emoção nos olhos de Jim quando ele atacava e o momento de satisfação quando seu oponente caia morto no chão. Jim não procurava por briga, mas quando encontrava uma, gostava de ganhar.

Os metamorfos eram tudo sobre capacidades físicas e aparências. Achava isso tão injusto quando era adolescente, que costumava chorar. Para completar a situação, eu fazia magia. Não apenas a magia purificadora do tigre, mas magia real, magia poderosa. Escrevia maldições, *se bem que elas nem sempre funcionavam*.

Os metamorfos desconfiavam da magia. Eles eram criaturas mágicas, mas tinham muito pouca necessidade para





o tipo de magia que eu tinha. Isso só aumentava mais ainda o fato de não ser adequada para Jim.

Na sociedade dos metamorfos, um casal alfa agia como uma unidade. Eles apoiavam as leis juntos, tomavam decisões juntos e quando eram desafiados, respondiam os desafios juntos. Em um desafio, eu não seria uma vantagem para Jim. Seria uma vulnerabilidade. Então toda essa coisa de conto de fadas que estava acontecendo: *seu cheiro no meu carro, seu grande corpo na minha cama e nossos encontros secretos e roubados, eram temporários.* Logo Jim acordaria e sentiria o peso da realidade. Ele me deixaria e isso arrancaria meu coração. Quando isso acontecesse, e era um '*quando*' e não um '*se*', eu irei querer curar minhas feridas em paz. Não vou querer pena da minha mãe, da minha família ou do Bando. Eu





teria pena de mim mesma o suficiente. Não queria nem pensar nisso. Só queria aproveitar esse conto enquanto durasse.

— Dali!

Percebi que estávamos indo direto para um buraco, desviei e atingimos o asfalto saliente, onde uma raiz de árvore havia se enterrado embaixo da calçada. Pooki voo pelo ar. Meu estômago tentou sair de dentro de mim. O *Plymouth* pousou no asfalto.

— Epaaa! —Eu sorri para Jim.

Ele colocou a mão sobre o rosto.

— Não foi tão ruim!

— Dali, você tem vergonha de me apresentar a sua mãe?

— Não!

— É porque estamos planejando fazer sexo antes do casamento?





— Não. Minha mãe é da Indonésia, mas ela está nos Estados Unidos há muito tempo. —Sem mencionar que ela ficaria tão feliz que eu estava fazendo sexo em primeiro lugar, que provavelmente ligaria para todos os nossos parentes e contaria sobre isto a eles. Eles dariam uma festa para comemorar.

— Então por que eu tenho que me esconder?

Pense em algo rápido ... — Você sabe, as apresentações familiares vão nos dois sentidos. Você também não me apresentou a sua família.

Ele assentiu. — Certo. Vamos fazer um churrasco no domingo que vem. Você esta convidada para ir.

Eu abri minha boca. Nada saiu. *Um churrasco com a família de Jim? Com sua mãe, suas irmãs e seus primos ... ah não.*





Jim estendeu a mão, colocou os dedos debaixo do meu queixo e empurrou meu queixo para fechar minha boca. — Do jeito que você está dirigindo, com a boca aberta vai morder a língua.

Eu era esperta e com todo esse poder cerebral que eu tinha, precisava arranjar um jeito de escapar. — Não posso simplesmente aparecer sem avisar.

— Eu já disse a eles que convidaria você, então eles estão esperando.

— Oh, então você apenas assumiu que eu iria aceitar?

— Não, mas pensei que poderia haver uma possibilidade de você não recusar.

Jim apenas se recusava a perder qualquer argumentação e ele era muito lógico sobre isso. Era difícil argumentar contra lógica.





Dobrei outra esquina. Nós entramos em um bairro mais antigo. Magia destruiu os edifícios altos, tornando-os pó, mas também alimentou o crescimento das árvores. Árvores frondosas de madeiras avermelhadas, *álamos amarelos*[17], *carvalhos*[18] vermelhos e brancos, que geralmente cresciam em espaços cuidadosamente controlados para sombrear os gramados da frente, disparavam para cima, espalhando seus grossos membros sobre a estrada e suas enormes raízes embaixo dele, deixando o asfalto deformado em ondas. A rua parecia uma praia com a maré chegando.

---

17  Álamos amarelos.

18  Carvalhos





— Dali, eu preciso saber se vamos para este churrasco.

— Dirigir nesta estrada é simplesmente horrível. Eles deveriam fazer algo sobre isso.

— Dali, —Jim rosnou.

— Sim, eu vou ao churrasco, tudo bem!

Ele balançou sua cabeça.

— Obrigada por me convidar, —eu disse.

— Não há de que.

Parei diante de uma pequena casa amarela e desliguei o motor. — É aqui.

A casa a nossa frente era típica casa de rancho de um só andar, suas paredes brilhantes com tinta amarelo cintilante. Um belo quintal na frente, recentemente aparado, se estendia até a porta de entrada, sombreada por uma velha árvore





redbud[19]. Uma dúzia de alimentadores de pássaros e sinos de vento, alguns simples, alguns com ornamentos brilhantes de vidro colorido, pendiam de galhos de árvores. Parecia tão limpa e organizada, do jeito que você imagina que a casa de uma avó deveria ser.

Eu realmente esperava que nada de ruim tivesse acontecido com *Eyang* Ida.

— Abaixe sua janela, —pedi.

Ele fez. O ar entrou, cozido do calor implacável do verão de Atlanta. Fechei meus olhos e me concentrei. Com os meus sentidos, senti a alegre parede da frente da casa cair e dentro dela a magia imunda esperava, podre e terrível. Pingava da

---

19  **Redbud,** nativa norte americana.





mobília, deslizava pelas paredes em grossas gotas escuras e revestia as tábuas do assoalho com o lodo. Cada casa tem um coração, os ecos da presença de seu dono e a magia simples que transforma um edifício em um lar. O coração desta casa estava podre até o núcleo. Algo havia se alimentado dela e agora estava matando-a.

O medo levantou os cabelos minúsculos na parte de trás do meu pescoço. *Isso era ruim. Isso era muito ruim.*

A magia feia me detectou. Centenas de bocas apareceram por todo o lodo, fendas escuras armadas com dentes afiados e negros. O lodo se estendeu na minha direção, tentando me dar uma mordida. Senti-a familiar. Essa era uma magia negra indonésia. As coisas estavam desequilibradas aqui, totalmente fora de equilíbrio.





Abri meus olhos. A casa parecia tão acolhedora do lado de fora. *Não perde por esperar, sua coisa desagradável. Você não tem ideia de quem está tentando comer. Eu não sei o que está fazendo nesta casa, mas vou expulsar você dela. Ninguém está autorizado a contaminar a casa de alguém que conheço.*

— O que é isso? —Jim perguntou.

— *Eyang* Ida é uma boa senhora, —disse a ele, minha voz tensa de raiva. — Algo mal invadiu sua casa e esta se alimentando dela. Vou tirá-lo. Isso pode ficar um pouco assustador. Você quer ficar no carro?

Jim olhou para mim, seu rosto completamente plano.

— Jim?

Ele se inclinou para mim e disse em uma voz calma, porém assustadora: — Eu não fico em um carro.





Bem, claro. Isso seria ridículo. O grande Alfa fodão não fica no carro. O grande alfa fodão ruge e bate no peito viril. Ele trancou os dentes dele. Jim era um homem incrivelmente inteligente. É por isso que me apaixonei tanto por ele. Ele também era incrivelmente teimoso.

Suspirei. — Presta atenção, isso é algo que eu faço. Se você vem comigo, tem que ser nos meus termos. Vou fazer um pouco de magia e você terá que estar bem com isso e não agir como se fosse estúpido.

— É o seu show.

Diga o que quiser sobre Jim, ele sempre tratou minha magia com uma dose saudável de respeito. Minha caligrafia nem sempre funcionava, mas minha *magia balinesa*[20] era uma

[20] Oriundo de Bali-Indonésia: conjunto de mitos e rituais místicos/religiosos.



história diferente. Ele nunca tinha visto esse lado de mim antes.

Destravei o porta-malas e saí do carro. Duas caixas de madeira estavam guardadas no porta-malas, uma pequena com meus suprimentos de caligrafia e uma grande com todos os meus itens balineses. Uma caixa de donuts estava em cima da caixa maior. Os olhos de Jim se iluminaram em direção aos donuts. Ele pegou a caixa e eu bati a mão dele levemente. — Não. Oferta.

Abri a caixa de madeira grande, tirei um colar de contas de ferro com um grande amuleto preto pendurado nele. Um leão estilizado, vermelho brilhante com detalhes pintados em ouro cintilava no amuleto. O leão tinha grandes olhos negros redondos, metade cobertos por pálpebras vermelhas brilhantes, nariz largo com duas narinas redondas, duas



orelhas largas e uma enorme boca aberta cheia de dentes brancos brilhantes.

— *Barong Bali*[21], —eu disse a Jim, enquanto colocava o colar no pescoço dele. — Rei dos espíritos e inimigo jurado de *Rangda*[22], a rainha demônio.

Jim estudou o amuleto. — Então, com que frequência você faz coisas assim?



21 **Barong** é um personagem da mitologia de Bali. Ele é o rei dos espiritos, líder das forças do bem e inimigo de Rangda passou a ser de grande importancia nos carnavais da china por ser uma mascara excêntrica de qualidade propriamente demonstrativa de um modo inteiramente importante visto que ainda não tem visto A luta entre as forças do bem e do mal é representada em contos da ilha indonésia de Bali. Barong representa as forças do bem - é o protetor da humanidade, usando seus encantos e magia para defender os moradores contra as magias negras da morte da bruxa Rangda. Ele é um espírito de guarda que é mais comum visto na forma de um leão, embora cada região dentro de Bali tenha sua própria versão de Barong, sendo os outros um dragão, um javali ou um tigre. Barong é animado pelo espírito irmão Banas Pati Rajah para lutar com Rangda para restaurar o equilíbrio entre o bem e o mal. No entanto, depois que Rangda é morto, ela finalmente ressuscitou, e Barong deve lutar mais uma vez. Esta batalha eterna é retratada em rituais vistos em Bali, e nos últimos tempos tornou-se uma atração para os turistas.



22 **Rangda** é a rainha demônio dos leyaks na Ilha de Bali, Indonésia, segundo a tradicional mitologia balinesa. De compleição aterrorizante, Rangda, "a devoradora de crianças", lidera um exército de bruxos do mal contra o líder das forças do bem - Barong.





— Cerca de uma vez a cada duas semanas, —eu disse. — Sempre há algo desagradável acontecendo.

— E é um insulto lhe oferecer pagamento por isso?

— A lenda diz que há muito, muito tempo atrás, na ilha de Bali, vivia um feiticeiro maligno. Ele era um homem terrível que convocava demônios, lançava maldições e sequestrava crianças e jovens bonitos de ambos os sexos para drenar o sangue deles, o feiticeiro usava o sangue roubado em seus rituais sombrios. Um homem chamado Ketut já estava farto e pediu a *Barong Bali* a força para destruir o feiticeiro. Barong Bali falou com Ketut e disse-lhe que lhe daria poderes para banir o mal, mas, em troca, se algum aldeão viesse a Ketut em busca de ajuda contra a magia negra, nem ele nem a família de Ketut poderiam rejeitar a ajuda. Ketut concordou e Barong





Bali o transformou em *Barong Macan*[23], o Tigre Barong. Ketut derrotou o feiticeiro e seus descendentes guardaram o equilíbrio entre o mal e o bem desde então.

— Você acredita nessa história? —Jim perguntou.

— Eu não sei. Mas sou uma tigresa, tenho o poder de banir magias ruins e as pessoas me procuram por ajuda.

— Você tem medo de que, se começar a cobrar pelos serviços, seja tentada a dar prioridades?

Olhei para ele surpresa. *Uau. Acertou em cheio*. — Sim. Para mim, ricos e pobres são iguais. Não obtenho compensação alguma, exceto pela satisfação de restaurar o equilíbrio e fazer bem o meu trabalho. Eu gostaria de continuar assim.

---

23  Barong Macan – forma de tigre, e uma das outras formas que Barong pode tomar.





— Deve haver alguma recompensa por isso, —disse ele.

— As pessoas deixam presentes, —eu disse a ele. — Às vezes dinheiro, às vezes comida. Principalmente na minha porta ou na porta da minha mãe. Eu nunca sei de quem eles são, mas agradeço sempre.

Abri a caixa grande e tirei a estátua de Barong Bali. Tinha cerca de trinta centímetros de altura, mas o tamanho não importava. — Por favor, coloque-o debaixo da árvore.

Eyang Ida amava a árvore. Cresceu junto com ela enquanto envelhecia, e eu podia sentir traços dela nos galhos das árvores. O espírito da árvore a amava. Isso nos ajudaria.

Jim colocou a estátua nas raízes da árvore. Tirei meus sapatos e meias, tirei a minha oferta da caixa. Tinha feito isso em casa antes de sair. Jim observou a folha de bananeira enrolada em uma pequena cesta, uma elaborada bandeja de





folha de palmeira e o arranjo de flores e frutas, e ergueu as sobrancelhas. Eu adicionei um donut a oferta, levei-a para a estátua, ajoelhei-me e coloquei-a aos pés de Barong Bali. Jim se ajoelhou ao meu lado.

Sentada ainda, afundando em meditação, deixei minha magia permear o gramado, fluir pelo solo, tocar as raízes da árvore e subir em espiral pelo tronco até as folhas. Uma mudança sutil retornou, a magia que emanava da árvore. Os espíritos notaram Jim e ponderaram seu vínculo comigo. Se houvesse um vínculo forte o suficiente, eles reconheceriam isso. O problema era que eu não tinha certeza se havia algum vínculo.

— Então a rosquinha açucarada é uma oferta tradicional da Indonésia? —Perguntou ele.





Espertinho. — Não, a oferta tradicional pede bolos. Neste caso, estou oferecendo algo de que gosto muito. O esforço em fazer o *canang*[24], a oferta, é o que conta.

— Por que você não faz apenas uma nota de proteção pegajosa?

A última vez que entramos em uma casa corrompida por magia, eu escrevi um *kanji*[25] de proteção em um papel e colei no seu peito.

— Porque essa magia negra é de origem indonésia. Eu sou muito mais forte na minha magia nativa do que em escrever maldições em pedaços de papel.

---

24  **Canang** sari é uma das oferendas diárias feitas pelos hindus balineses para agradecer ao Sang Hyang Widhi Wasa em louvor e oração. O sari de Canang será visto nos templos balineses, em pequenos santuários de casas, no solo ou como parte de uma oferta maior.

25  Os **kanji** são caracteres da língua japonesa adquiridos a partir de caracteres chineses, da época da Dinastia Han, que se utilizam para escrever japonês junto com os caracteres silabários japoneses katakana e hiragana.





Os espíritos ainda não tinham certeza. Eu não poderia simplesmente deixá-lo no gramado aqui. Ele bateria no peito e me seguiria para dentro da casa. Tinha que mostrar aos espíritos porque Jim era importante para mim.

— Jim?

— Sim, —disse ele.

— Preciso de ajuda.

— Estou aqui, —disse ele.

— Preciso que você pense por que me convidou para sair. Realmente pense sobre isso.

— Eu te convidei para sair porque ...

Levantei minha mão. — Não, por favor, não me diga. — *Estava com muito medo de descobrir*. — Basta pensar sobre isso.

— Certo.



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Eu sabia exatamente por que amava Jim. Não era apenas uma única coisa, era a coisa toda. Ele é um dos homens mais inteligentes que já conheci. Sempre que Curran se encontrava encurralado, ele ia até Jim e confiava nele para pensar em uma saída.

Jim me olhou ... lindo, era lindo. Insuportavelmente sexy, como o tipo de homem que você pode ver em uma revista ou na TV. Havia essa masculinidade crua sobre ele, uma espécie de mistura de confiança e poder masculinos. Ele era tão diferente de mim. Eu era pequena e magra e ele era grande e musculoso. Eu gostava dessa dualidade, o contraste entre mim e ele. Isso me excitava e eu o admirava em segredo quando ele não estava olhando. Sabia o jeito que ele dobrava a cabeça, o ângulo dos ombros, o jeito que andava, sem pressa e determinado. Em uma multidão de homens com roupas idênticas, instantaneamente reconheceria meu Jim.





Mas o que me fez apaixonar por ele não foi sua inteligência, sua aparência, ou mesmo o fato de que era letal. Tudo isso era ótimo, mas esses detalhes por si só não eram suficientes. Então abri meu coração e deixei os espíritos olharem para dentro. Minha vida era muitas vezes caótica. Já me senti assustada. Já perdi a paciência. Nunca tinha certeza se minha magia iria funcionar ou não. Me sentia indefesa sem meus óculos e isso me assustava também. Mas Jim ...

Jim poderia dar um único passo em meu caos e de repente meus problemas se resolviam. Ele os abordava um por um com sua lógica calma e então se voltaria para mim e diria: 'Você pode fazer isso'. E percebia que ele estava certo e eu podia. Ele acreditava em mim.

Um sentimento caloroso se espalhou pelos meus pés descalços e correu através de mim, todo o caminho até as pontas dos meus dedos até que eles estavam formigando.





— Algo está acontecendo, —Jim disse, sua voz calma.

— Deixe acontecer.

Jim sentou-se muito quieto. Músculos tensos e reunidos em sua estrutura, como se estivesse prestes a atacar. Os espíritos estavam tocando-o e claramente ele não gostou. Aparentemente, *'deixe acontecer'* significava *'prepare-se para matar'.*

O amuleto no peito dele estremeceu. Os olhos de Barong Bali se abriram com um estalo metálico. Os espíritos reconheceram nosso vínculo e concederam sua proteção a ele. Claro que também significava que Jim veria as coisas através dos meus olhos agora. Seria um pouco chocante.

— Os espíritos lhe deram o dom da visão, —eu disse. — Agora você pode ver o mundo como eu o vejo. É apenas temporário. Se você tirar o amuleto, se tornará cego





novamente. Também vai parar assim que esta onda mágica acabar. —Eu me levantei. — Vamos entrar na casa agora. Você pode ver algumas coisas realmente estranhas. Não enlouqueça.

Ele me deu outro olhar plano, típico de Jim.

Nós caminhamos para a porta. Coloquei a chave, virei e a abri. A casa estava diante de nós, escura e fria. Um leve fedor de carniça flutuou no ar. Jim mudou sua postura, ficando mais atento, como se estivesse pronto para algo saltar sobre ele e tentar abrir seu pescoço. Coloquei minhas mãos juntas, fechei meus olhos e deixei meu poder rolar em uma onda de mim.

Jim rosnou.

Abri meus olhos. Magia fétida e viscosa pingava das paredes ao nosso redor, deslizando pelos painéis, translúcidos e sujos de manchas de escuridão.





— Que diabos é isso? —Ele rosnou.

— Isso é você mergulhando um dedo no meu mundo. Fique perto, Jim.

As paredes próximas da porta eram mais claras, a camada de magia mais fina, mas no final do corredor a magia ficava espessa. Podia ver a janela da cozinha aberta de onde eu estava, e o lodo escuro derramando através da moldura para dentro da casa. O que quer que tenha vindo, veio do quintal.

Pequenas bocas cravejadas de presas se formaram na magia escorregadia, se estendendo em minha direção. Jim puxou a faca para fora. A lâmina era enorme, cinza escura, com uma ponta curva e dentes de metal serrilhados perto do cabo.





Respirei fundo e levantei as mãos, meus movimentos lentos e graciosos, as mãos inclinadas para trás, os dedos afastados, tremendo.

A magia maligna parou, insegura.

Na minha cabeça, as flautas de bambu cantavam, com os sons metálicos do *xilofone*[26] definindo a *batida*[27]. Eu abri meus olhos, dobrei meus joelhos, meus dedos tocaram o chão e me virei. Magia pulsou do meu corpo. O limo ao nosso redor evaporou, como se fosse queimado por um fogo invisível. A luz solar intensa se espalhava em uma onda, rolando sobre as paredes, o chão e o teto, purgando a podridão. Limpou o

---

[26]  (Xilofone balinês)  **Xilofone** é o nome genérico para vários instrumentos musicais, mais precisamente idiofones percutidos, que consistem em várias lâminas de madeira dispostas cromaticamente. Entre os instrumentos que se podem considerar como xilofones temos o xilofone, a marimba, o balafon, etc.

[27] https://www.youtube.com/watch?v=BmlAZxha8Pw: música tradicional balinesa com os sons de flautas e xilofones.



corredor, a sala de estar, a cozinha e deslizou sobre a moldura da janela. O lodo escuro desapareceu de vista.

Estranho.

— Puta merda, —disse Jim.

Eu fiz uma careta. — Isto está errado.

— O que você quer dizer com errado? Isso foi incrivelmente inacreditável.

— Normalmente, quando uma casa é corrompida, a magia está profundamente enraizada. Deveria ter levado um pouco mais de esforço para limpá-la. Eu não entendo isso. Há muita corrupção, mas é tudo muito superficial.

Marchei até a cozinha e abri a porta da varanda dos fundos. O quintal se abria para um bosque. Uma cerca de ferro forjado separava a grama do jardim das árvores do bosque, o portão estreito entreaberto. A magia suja pairava entre as

Mais um Projeto das Divas & Lord's

árvores, cobrindo os caules, pingando e esperando. Sentiu-me e deslizou mais fundo na floresta.

Onde você vai? Não corra. Estamos apenas começando.

Atravessei a grama, atravessei o portão aberto e continuei indo para a floresta, Jim bem atrás de mim.

A magia fluiu para longe de mim. Eu persegui por um caminho entre os enormes carvalhos. O mesmo cheiro que senti nos fios de cabelo grossos na minha cozinha enchia minhas narinas: *aroma seco, acre e amargo. Quase lá.*

O caminho se abaixou sob o dossel de galhos de árvores trançados e unidos por *kudzu*[28]. Segui-o, movendo-me rapidamente pelo túnel natural de folhas e galhos. O túnel



28 **Kudzu** é um grupo de plantas do gênero Pueraria, na família das ervilhas Fabaceae, subfamília Faboideae. Eles estão escalando, enrolando e arrastando videiras perenes nativas de boa parte do leste da Ásia, sudeste da Ásia e algumas ilhas do Pacífico



verde se abriu em uma clareira. Uma enorme árvore deve ter caído aqui e levado uma vizinha ou duas com ela. Três troncos gigantes estavam na grama. As árvores ao redor e o kudzu reivindicavam a luz, ávidos por cada *fóton*[29] perdido, e as folhas preenchiam o espaço acima de nós, tornando a luz do sol opaca e verde. O ar cheirava mal, contaminado com decadência. Era como estar no fundo de um poço bem profundo e infestado de lixo.

Eyang Ida estava sentada no tronco. Sua pele tinha um tom cinzento doentio, os olhos vidrados e abertos. Ela olhou diretamente para mim, mas sei que ela não podia me ver. A magia girava em torno dela, tão negra e grossa que era quase opaca.

[29] **Fotão ou Fóton** partícula de massa de repouso nula, carga elétrica nula e spin 1, e que consiste no quantum de radiação eletromagnética; sua energia é dada por h x f, onde h é a constante de Planck e f, a frequência da radiação em hertz [Os fótons se deslocam no vácuo à velocidade da luz e sua natureza de partícula é importante na explicação de certos fenômenos físicos, como, p.ex., o efeito fotelétrico.].





Parei. Jim parou atrás de mim.

— Essa é a senhora?

— É ela. —Levantei a mão para detê-lo, caso tentasse ir até ela, mas ele não se moveu. Jim realmente confiava em mim. Eu lhe pedi para ficar por perto e ele seguiu minha liderança.

Samambaias ressoaram à minha esquerda e uma criatura entrou em minha visão. Com cerca de vinte e cinco centímetros de altura, parecia um humano em miniatura, com pele morena escura, duas pernas e dois braços. Cabelos longos de fios grossos caíam de sua cabeça até os dedos dos pés, arrastando alguns centímetros no chão como um manto escuro. Ele me encarou com dois olhos amarelos, cada um com a pupila em forma de fenda, escura como os olhos de uma



víbora do templo *azure*[30], então abriu largamente sua boca, mostrando duas presas brancas, e sibilou.

— O que é isso? —Jim perguntou.

— Um *jenglot*[31], —eu disse. Assim como pensei. Este era um dos horrores indonésios tradicionais. Exceto que a julgar pela quantidade de magia naquela casa, deveria haver mais deles. Muito mais. — É vampírico.

Outro jenglot se arrastou para a clareira. Um terceiro par de olhos se acendeu no oco de uma árvore.



30 ***Tropidolaemus wagleri*** é uma espécie venenosa nativa do sudeste da Ásia. Nenhuma subespécie é reconhecida atualmente. É por vezes referido como a víbora do templo devido à sua abundância em torno do Templo da Nuvem Azure na Malásia.



31 Um **jenglot** é uma criatura humanoide deformada na cultura e na mitologia indonésias. Tem a aparência de uma pequena boneca humana viva, com até 12 cm de comprimento. Outros disseram que estão vivendo múmias medindo entre 15 e 25 cm.





— Isso e sua tribo tiraram *Eyang* Ida de sua casa, —eu disse. — Eles vão se alimentar da essência de seu sangue e quando não houver mais essência, Ida se tornará uma dessas criaturas

A floresta ganhou vida com dezenas de olhos. *Tribo grande*, pelo menos cinquenta criaturas. Eu esperava quinze, talvez vinte. *Mas cinquenta?* Cinquenta era ruim.

— Eles são difíceis de matar?

— Sim. São resistentes. Colocá-los no fogo ajuda.

— Há muitos deles, —disse Jim.

— Sim.

— Você pode precisar de ajuda ... —A voz de Jim estava muito calma. Ele pesou nossas chances. Os números não estavam a nosso favor.





Suavemente uma criatura deslizou no colo de *Eyang* Ida. Se tivesse pernas, este jenglot teria pelo menos uns trinta centímetros de altura, com cabelo duas vezes mais longo, mas ele não tinha pernas. Em vez disso, tinha uma cauda de cobra longa e marrom, como o corpo de uma cobra cuspidora. A rainha *jenglot*[32].

Os jenglots atravessaram a vegetação, circulando-nos. Eles nos atacariam a qualquer momento.

Normalmente, quando eu mudava de forma, por um minuto ou dois, não fazia ideia de onde estava ou por que estava ali, mas neste caso, com Jim ao meu lado, tinha de arriscar.

---

32  A rainha jenglot.





Tirei meus óculos e entreguei a Jim. — Aqui, segure isso por um segundo.

Ele ergueu as sobrancelhas e pegou meus óculos.

Deixei a magia me transformar. O mundo girou em mil luzes borradas em todas as cores do arco-íris. *Tão bonito.*

Olhe! Bolhas coloridas e pequeninas.

Um cheiro familiar girou em torno de mim, cativante. *Ooh, Jim. Jim. Ele estava aqui comigo! Jim ...*

E esse fedor?

Eca. Um cheiro desagradável e nojento. Imundo. Ai credo.

Um jenglot! Havia um jenglot no colo de Eyang Ida. *Nojento. Espere, o que Eyang Ida faz aqui? Onde eu estava?*

A rainha Jenglot levantou a cabeça, abriu a boca e sibilou para mim, a magia negra por trás dela explodindo como asas demoníacas.





O que? Ultrajante. Inadmissível. Quem ela acha que eu era?

Pisei minha enorme pata branca no chão e rugi. O som da minha voz rolou como o de um *gongo*[33] gigante, ensurdecedor, e minha magia seguiu-o em uma onda de choque. Tocou o jenglot mais próximo. A feia criatura assobiou em pânico, quebrando-se em pedaços, instantaneamente se transformando em cinzas e se desintegrando. Ao meu redor, os outros jenglots quebraram em cinzas também e desapareceram no ar. A rainha Jenglot sibilou, debatendo-se. Sua magia tentou lutar comigo, mas meu rugido a engoliu como um incêndio florestal furioso engole uma poça. A rainha desapareceu.



33 O **gongo** é um instrumento musical, mais precisamente um idiofone metálico percutido. O gongo é uma chapa de metal, geralmente em formato circular, com as extremidades voltadas para dentro.





O fedor perturbador desapareceu. A floresta exalou, liberada da má contaminação, mas *Eyang* Ida não se mexeu. Ela ainda estava presa. *Não por muito tempo.*

Caminhei para *Eyang* Ida nas minhas grandes e macias patas e me enrolei aos pés dela, com a pata dianteira esquerda em cima da direita. *Aguente firme. Eu vou libertar você também.*

Olhei para Jim e deixei minha magia sair e se espalhar. Flores empurraram o musgo aos meus pés, desabrochando em pequenas flores amarelas e brancas. Uma borboleta azul flutuou ao meu lado, saltando em asas suaves. Uma branca se juntou a ela, depois outra e mais outra ...

Jim olhava para mim, seu queixo aberto.

Minha magia deslizou pelos troncos das árvores. Os carvalhos acima de nós gemeram, seus galhos se moveram,





compelidos pelo meu poder, e um raio de sol, puro e quente, caiu no rosto da senhora. *Eyang* Ida respirou fundo e piscou.

Jim, em choque, deixou meus óculos caírem no musgo.



O PROBLEMA DE SER um metamorfo é que você não consegue usar roupas na sua forma animal e se não as tirar antes de se transformar, elas rasgam, e é por isso que sempre carrego uma roupa extra no meu carro. Então, depois que paramos em frente à casa do filho de *Eyang* Ida e enquanto Jim levava a frágil senhora até a porta da frente, consegui me transformar de volta e vesti as roupas rapidamente, mantendo a minha modéstia intacta.





A porta se abriu e Wayan, o filho de *Eyang* Ida, viu sua mãe. Ele a agarrou de Jim e correu para dentro. A família nos cercou e nos puxou para dentro da casa. O ar da casa tomou conta de nós, trazendo aromas da cozinha: *cúrcuma, alho, cebola, gengibre, capim-limão, canela e pato assado*. Um *Bebek Betutu*[34] estava sendo preparado em algum lugar próximo.

Todo mundo falava e perguntavam ao mesmo tempo: *O que aconteceu? Ela precisa ir ao hospital? Quer se juntar a nós na refeição?*

Respondi o mais rápido que pude: *Ida foi atacada por magia negra, ela ficará bem, não, o hospital não será necessário, basta descansar na cama e muito amor da família dela, não, obrigada, eu*

---

34  **Betutu** é um prato de aves de capoeira balinesa ricamente temperado. Muitas vezes é chamado de acordo com seus principais ingredientes; **ayam betutu** é frango betutu, enquanto **bebek betutu** é a versão pato. Este prato tradicional pode ser encontrado no menu de hotéis de luxo ou restaurantes em Bali.



não estou com fome ... após os primeiros vinte minutos, a tempestade de perguntas e excitação cessou e Iluh chegou até nós.

— Obrigada por salvar minha avó!

O alívio no rosto dela era tão óbvio que eu odiei quebrá-lo. — Ainda não acabou.

O rosto de Iluh caiu. — O que você quer dizer?

— Preciso falar com vocês, —eu disse a ela.

Alguns minutos depois, Jim, Iluh, sua mãe Komang e eu nos sentamos nas cadeiras de vime na varanda dos fundos, longe da agitação da família. Iluh e Komang eram parecidas: *bonitas, graciosas e altas.* Komang formou-se em engenharia química. Minha mãe e ela vieram para Atlanta como parte da mesma expansão corporativa logo após a Mudança.

Mais um Projeto das Divas & Lord's



Eu olhei para Komang e falei em inglês para o benefício de Jim. — Este é Jim. Ele é ...

Oh deuses, como devo apresentá-lo? ... Se eu o apresentasse como meu namorado, isso chegaria rapidinho em minha mãe.

— Trabalhamos juntos, —disse Jim.

Boa resposta.

— E estamos namorando.

Droga!

Komang levantou as sobrancelhas. — Parabéns!

Aiiiiii! Quase dei um tapa no meu rosto com a minha mão.

— Isso causará algum problema no local de trabalho de vocês? —Perguntou Iluh.

— Nenhum. —Jim deu-lhes um sorriso. — Eu sou o chefe.





Oolhei para ele. *Por que diabos ele está tão feliz?* Jim sorriu para mim e acariciou minha mão com a dele.

Eu me virei para as duas mulheres. — Sua mãe foi atacada por jenglots.

Komang piscou para mim. — Um jenglot? Isso é bizarro. Ela sempre teve medo deles. Viu um quando era criança. Não era um de verdade, apenas um boneco produzido por um *taxidermista*[35] feito com um pouco de crina de cavalo e o corpo de um macaco morto, mas a aterrorizou. Ela teve pesadelos sobre isso há anos.

Não havia coincidência quando se tratava de magia.

---

35 
Jenglot feito por um taxidermista. Taxidermia ou taxiodermia é o feito de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo. É a técnica de preservação da forma da pele, planos e tamanho dos animais.





— Normalmente, quando uma tribo jenglot aparece, começa com uma rainha. Ela encanta uma pessoa e a usa para se alimentar. Quando a essência mágica dessa pessoa se exaure, ela se torna um jenglot. A magia jenglot começa a envenenar a área ao redor. De um por um a tribo cresce. Uma tribo típica tem cerca de cinco a oito membros. Mais de vinte e a tribo se torna um enxame. Vimos pelo menos cinquenta jenglots ao redor da sua mãe.

— Cinquenta? —Komang abriu os olhos arregalados.

— Sim, —disse Jim.

— Para formar um enxame desse tamanho teriam que sequestrar pelo menos uma pessoa toda semana, —eu disse. — Não há como cinquenta pessoas desaparecerem no bairro de *Eyang* Ida e ninguém ter percebido. Não só isso, a magia jenglot é tão tóxica que envenenaria a área em torno do ninho.





É difícil de limpar. A purificação na casa de *Eyang* Ida levou muito pouco esforço.

— O que você está tentando dizer? —Perguntou Iluh.

— Alguém convocou o enxame jenglot. Acho que alguém deliberadamente atacou sua avó.

As duas mulheres se entreolharam.

— Mas por quê? —Komang perguntou.

— *Eyang* Ida não tem inimigos, —disse Iluh.

— Nenhum ressentimento pessoal? —Perguntei. — Nenhum vizinho irado? Ninguém invejoso ou bravo com ela? Algum falso amigo?

Komang olhou para Iluh. — Falso amigo?

— Alguém que finge ser legal, mas secretamente odeia você, —disse Iluh. — Acho que não.





Komang sacudiu a cabeça. — Não, ela teria me dito.

— Não tem que ser alguém rancoroso. —Jim se recostou na cadeira. — A maioria dos homicídios é cometida por três razões: *sexo, vingança ou dinheiro.*

— Podemos descartar o sexo, —disse Komang. — Minha mãe foi casada e feliz por mais de cinquenta anos. Meu pai morreu há dois anos e ela não está procurando por romance.

— A vingança provavelmente não é um fator, —eu disse. — Sua mãe é amada e respeitada por todos.

— Isso nos deixa com o dinheiro, —disse Jim.

— Ela tinha uma apólice de seguro de vida, —disse Iluh.

Komang se afastou. — Você está sugerindo ...

Uh-oh — Não está ligado ao seguro de vida, —eu disse rapidamente. — Você precisa de um corpo para validar o seguro, e se tudo tivesse acontecido como planejado, *Eyang* Ida



se tornaria um jenglot. Ela seria declarada desaparecida e a família teria que esperar anos antes de ser oficialmente declarada morta.

— Bem, há a casa, —disse Komang. — Mas você a viu de perto. A casa não é tão valiosa a ponto de que alguém quisesse matá-la por ela. As pessoas não matam por uma casa velha de trinta e três anos, três quartos e dois banheiros. O carro dela é bom e funciona bem, mas não é caro.

— Algum artefato? —Perguntei. — Itens culturais? Às vezes as pessoas não percebem que guardam coisas que possuem magia valiosa.

Komang suspirou. — Ela coleciona brinquedos do *Meu Querido Pônei*[36].

---

36  Meu querido Pônei.





Iluh assentiu. — Você deveria ter entrado no quarto dela. Tem prateleiras lotadas deles. Ela os acha lindos. Vovó os esculpe com argila de modelar e os pinta.

Isso é algo que eu nunca teria imaginado.

Iluh mordeu o lábio.

Jim se concentrou nela. — Você se lembrou de algo.

Ela exalou. — Provavelmente não é nada. *Eyang* Ida é proprietária de parte do prédio onde seu salão está localizado. Há alguns meses, um escritório de advocacia entrou em contato com ela perguntando se queria vendê-lo.

— Eu me lembro disso, —disse Komang. — Examinamos a oferta. Ela possuiu aquele lugar por anos, então se recusou.

Jim ficou alerta, como um tubarão sentindo uma gota de sangue na água. — Eles disseram em nome de quem era a oferta?





— Não. —Komang franziu a testa. — O cliente preferiu permanecer anônimo.

— Você se lembra qual escritório de advocacia? — Perguntei.

— Abbot e alguma coisa, —disse Komang.

— Abbot, Sadlowski e Shirley! —Iluh disse, seu rosto se iluminando. — Eu me lembro porque se você colocar todas as letras iniciais juntas, você tem ...[37]

Eu ri. Iluh riu de volta.

Komang deu a Iluh um olhar desapontado de mãe.

— Eles deveriam ter reorganizado seus nomes, —disse Iluh.

— É um lugar para começar, —disse Jim.

[37] As letras iniciais de 'Abbot Sadlowski e Shirley' formam a sigla ASS que em inglês é 'bunda'. Por isso os personagens acharam engraçado. A piada perde o sentido quando traduzido para o português, no entanto.



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5





DIRIGI PELAS RUAS tranquilas até o salão de *Eyang* Ida. Era o melhor lugar para começar. Poderíamos ir atrás do escritório de advocacia, mas nenhum advogado competente divulgaria o nome de seu cliente se este desejasse permanecer anônimo. Com a notícia do atentado a vida de *Eyang* Ida se espalhando por aí, agora era a melhor hora para bisbilhotar o prédio em que ficava o salão e ver se havia alguém incomodado com essa história.

Jim sentado no banco ao meu lado era a coisa mais estranha. Seu rosto estava relaxado, sua pose era preguiçosa. Jim tinha apenas dois modos: *ameaçador e se preparando para*





se tornar ameaçador. Ele geralmente fazia tanto esforço em se parecer assustador, que intimidava as pessoas até mesmo enquanto dormia.

Reduzi a velocidade, só para mantê-lo nesse raro estado de relaxamento um pouco mais. A maneira como ele estava sentado agora, encostado sobre o assento, me fez imaginá-lo deitado em um cobertor na grama sob os pessegueiros. Apenas deitado ali, cochilando em silêncio, com o sol no rosto. Eu poderia me deitar ao lado dele, ler um livro e nos trazer um pouco de chá gelado quando ficássemos com sede... *em um universo paralelo talvez.*

— Qual foi o motivo de dizer a Komang que estamos namorando? —Eu exigi.

— Apenas mantendo as informações atualizadas, —disse Jim.





— Você acabou de dizer a melhor amiga da minha mãe que eu tenho um namorado. Eu vou receber uma ligação dela.

— Você pode lidar com um telefonema, —disse ele.

— E depois as do meu tio e da minha tia, da minha prima, da minha outra prima, da segunda filha da minha prima e da minha colega de quarto da faculdade que não vejo há quatro anos ...

Jim sorriu.

— Não é engraçado.

— Se você fizesse uma reunião com todos eles e fizesse um grande anúncio, isso pouparia alguns problemas, —disse ele.

Há, há, há. Tão engraçado. — É por isso que você está me convidando para o churrasco? Então pode anunciar para todo mundo de uma vez?

— Eles já sabem, —disse ele.





Ótimo. Só a magia da árvore em frente a casa de Ida sabia o que ele disse sobre mim.

Nós paramos em frente a um longo prédio retangular. Construído com grossos tijolos vermelhos, o prédio parecia ter se adaptado bem a magia, as paredes estavam quase intactas e o telhado em bom estado. Cinco empresas ocupavam o prédio. Primeira, a *Palácio dos Cabelos Ida's*, fechada e escura, a porta intacta, depois a *Delicatesse Europeias Vasil's*, seguido pela *Centro de Quiropraxia e Bem-Estar da Família*, *F&R Serviço de entrega*, e a *Eleventh Planet*, uma loja de quadrinhos.

— Quem teria o interesse em comprar apenas uma das empresas? —Pensei em voz alta. — Isso não faz sentido.

— Exatamente, —disse Jim.

— Não há nada de especial nesse local. A rua tem algum tráfego, mas não é muito movimentada.





— E o estacionamento está praticamente vazio, — acrescentou Jim.

Verdade. Dois carros estavam estacionados na loja de quadrinhos, um cavalo amarrado ao mastro em frente ao *Centro de Quiropraxia*, um caminhão grande ao lado da *Delicatesse Vasil's* e um monte de bicicletas descansava nos suportes das bicicletas do Serviço de entregas. Eu me concentrei. Não senti nada místico ou mágico sobre este local. Era completamente... normal.

— Seja lá quem for essa pessoa possivelmente fez a oferta de compra para outras empresas ... —Jim começou.

— Ou seja, o dono de uma dessas empresas no prédio pode estar querendo expandir os negócios, —terminei. — De repente senti uma vontade de fazer compras.





— E como um namorado atencioso e seu alfa igualmente atencioso, eu apoio totalmente essa ideia.

Toda vez que ele dizia que era meu namorado, eu tinha que lutar contra a vontade de gritar: *Eeebaaaaa! Ele disse que era meu namorado!*

Saímos do carro e caminhamos em direção ao salão de *Eyang* Ida. Andar ao lado dele sempre me fez notar o quão grande ele era. Jim era mais alto do que eu uns trinta centímetros. *Uma figura imponente e que agora estava andando ao meu lado? Como isso aconteceu?*

— Jim, por que você está aqui? —Eu perguntei.

— Você quer que eu esteja em outro lugar? —Ele perguntou.

— Não! —*Pobre Dali ceguinha, soando tão desesperada*. — Eu quis dizer que você tem o Bando para administrar e está aqui



comigo. Você quase nunca está comigo. —*Certo, agora passei de desesperada para patética.*

— Eu sei, —disse ele. — Mas você é Bando. Este é um problema do Bando. O resto do Bando pode aguentar um final de semana sem mim. Eles sabem onde me encontrar.

— Você está mentindo.

Nós estávamos quase na porta.

Jim parou. Olhei para o rosto dele. Seus olhos estavam quentes e eu parei com o meu pé no ar. Os olhos de Jim nunca foram quentes. Impiedosos, protegidos, duros, sim, mas não quentes. Não dessa forma.

— Eu quero saber o que você faz, —ele disse baixinho. — Quero sair e passar um tempo com você. Gosto de estarmos juntos.



Quase derreti ali mesmo. E então a culpa me assaltou. Nos últimos tempos tenho evitado a Fortaleza. Poderia ter ido até lá e passado um tempo com Jim. Ele estava ocupado e provavelmente agoniado com todo o trabalho. Tenho sido egoísta e só me preocupei com o quê os outros iriam pensar. Essa não era eu.

Estendi a mão, abaixei-me sob o braço dele, esfreguei a cabeça contra ele e sorri. Ele me abraçou apertado, as pontas de seus dedos deslizaram levemente sobre a minha pele. *Oh meus deuses, ele fez a coisa do gato*. Isso me fez querer tirar a roupa para que eu pudesse tocar mais dele.

Nós paramos na porta e cheiramos juntos o ambiente.

Humm, vamos ver: *Eyang* Ida, vapores de carros, meia dúzia de aromas de sabonetes e xampus, cinco perfumes de pessoas diferentes, todos com cerca de um dia, devem ter sido



seus clientes ... nada recente, exceto o cheiro de Iluh, depositado algumas horas atrás. Ela deve ter vindo ao salão para verificar *Eyang* Ida.

— Você acha que ela poderia ter feito isso? —Jim perguntou.

— Iluh? —Eu virei minha cabeça. — Não. Acredito que ela ama sua avó. E também Iluh não tem laços fortes com a comunidade balinesa. Jenglots não são encontrados facilmente pelo meio da rua. Eles são únicos na Indonésia. Ela poderia saber deles, mas não onde consegui-los ou quem poderia convocá-los.

— Você tem alguma ideia de quem poderia convocá-los? —Ele perguntou.

— É aí onde está o problema. —Fiz uma careta para ele. — A maioria das pessoas de Bali faz um pouco de magia. Toda



vez que se faz uma oferta, você faz magia. Não é incomum as pessoas ocasionalmente sacrificarem as coisas. Mas jenglots estão ligados à magia negra. Um feiticeiro típico pode fazer um jenglot como um boneco de vodu e depois alimentá-lo com magia e sangue, esperar que ele ganhe vida e cumpra suas ordens. Ou podem comprar um feto abortado, embalsamar e tirar um *tuyul*[38] dele.

Jim piscou.

— É uma coisa, —eu disse a ele. — Mas de qualquer maneira, eu saberia. Sou a escolhida de Barong. Sou a Tigresa Branca, uma força do bem, e protejo o equilíbrio. Quando um mago negro faz algo como criar um jenglot ou soltar um tuyul,

---



38 Um **Tuyul ou Toyol** é um espírito mítico na mitologia javanesa do Sudeste Asiático, specialmente na Indonésia, Brunei, Malásia, Tailândia e Cingapura.



ele cria um desequilíbrio e eu o corrijo. Seria o mesmo se eu tentasse usar meu poder para algo não natural, como evitar uma doença normal em um parente meu. Eu poderia salvá-lo por um tempo, mas o escolhido de Rangda, a Rainha Demônio, apareceria e iria desfazer o que fiz. O saldo deve ser mantido. Neste momento não há nenhum escolhido de Rangda na comunidade balinesa. Ele foi morar com a filha em Orlando, porque já está idoso e ela está preocupada com a saúde dele. E se houvesse um novo escolhido, ele ou ela viria e falaria comigo. Seria de interesse dele me conhecer assim como é de meu interesse conhecê-lo.

— Você o procuraria? —Jim perguntou.

Eu assenti. — Nós dois seríamos guardiões do equilíbrio. Você se lembra daquele russo, aquele que é o sacerdote do Deus de todos os males?

— Roman? —Jim perguntou. — Sim. Cara legal.

Eu abri meus braços. — É assim. Eu poderia almoçar civilizadamente com o escolhido de Rangda. Não que nos tornaremos amigos e necessariamente não precisamos gostar um do outro, alguns deles enlouquecem e se tornam agressivos em nome de Rangda, mas tudo é sobre o equilíbrio. Invocar cinquenta jenglots, não é equilíbrio. Isso é uma merda, é isso que é.

Paramos na porta da *Delicatesse Vasil's*. Parecia escuro. A placa de papel dizia: FECHADO. Tentei a maçaneta. *Bloqueada. Humm.*

Se Vasil, o proprietário da Delicatesse, estava sendo comido por jenglots também, havia algo seriamente ruim acontecendo.

Mais um Projeto das Divas & Lord's



Nós caminhamos para a loja do *Centro de Quiropraxia e Bem-Estar da Família.* — Você vai ameaçá-los? —Perguntei. — Porque se for, eles não vão falar comigo, então você pode simplesmente esperar do lado de fora.

Jim me deu uma olhada e segurou a porta aberta para mim. Eu entrei em uma área de recepção tranquila. As paredes eram pintadas de verde menta e grandes flores de metal decoravam a parede. O ar cheirava levemente a rosa, gerânio e lavanda. Alguém deve ter aquecido alguns óleos essenciais no ambiente. Um homem de trinta e poucos anos sorriu para mim de trás do balcão. — Posso ajudar vocês?

— Oi. —Jim se aproximou do balcão, levantando uma mão em saudação. Olhei para o rosto dele e meu queixo caiu. Jim, o alfa *'quebrando-uma-parede-dura-com-um-soco-para-pegar-bandido'*, havia ido embora. Ele parecia ... amigável.





Preocupado, mas amigável. Como se Jim morasse em um subúrbio e tivesse o costume de convidar os vizinhos para churrascos amigáveis.

Jim apertou a mão do homem. — Meu nome é Jim Shrapshire. Esta é minha colega, Dali. Sua parente é dona de um salão duas portas abaixo de sua loja.

— Prazer em conhecê-los. Sou Cole Waller. Percebemos que a Senhora Indrayani não estava aqui hoje. Ela está bem?

Peguei meu queixo do chão e fiz minha boca se mover. — Ela não estava se sentindo bem esta manhã.

A preocupação tocou seu rosto. Parecia genuíno. — Sinto muito. Espero que não seja nada sério.

Deveria dizer ou não a ele? Se eu não contasse a ele, e isso estivesse ligado à propriedade, poderia estar em perigo.



— Receio que seja algo sério. Alguém usou magia para atacá-la.

— Sério? —O homem se virou e gritou: — Amanda!

Uma mulher loira emergiu das profundezas do escritório. — Sim?

— Esta é minha esposa, Amanda. Ela é uma *quiroprática*[39]. —O homem saiu de trás do balcão e ficou ao lado de sua esposa. — Alguém tentou ferir aquela senhora simpática que é proprietária do salão.

Amanda piscou. — Senhora. Indrayani? Oh meu Deus, o que aconteceu? Ela está bem?

— Ela está bem por enquanto, —disse Jim, com o rosto preocupado. — Acreditamos que alguém a tenha como alvo

[39] **Quiropraxia ou quiroprática** é uma forma de medicina alternativa para o diagnóstico e tratamento de condições do sistema musculoesquelético, principalmente da coluna vertebral. Os proponentes alegam que essas condições afetam o estado geral de saúde através do sistema nervoso.

porque quer essa propriedade. Vocês receberam alguma oferta de compra por essa loja?

Cole franziu a testa. — Sim. Sim, nós recebemos.

Ele voltou para trás do balcão, abriu um armário, folheou os arquivos pendurados nas prateleiras de metal e tirou um pedaço de papel. Olhei para o papel carta, timbrado *Abbot, Sadlowski e Shirley*, oferta fechada para compra. Data de dois meses atrás.

— Você concordou em vender? —Jim perguntou.

— Nós pensamos em vender, —disse Cole. — O preço foi generoso.

— Mas este lugar é perfeito para nós. São cerca de cinco minutos da nossa casa. Nós temos uma clientela estabelecida, —disse Amanda. — E a escola do nosso filho fica a apenas dez minutos daqui. O ônibus o deixa a sessenta metros da rua. É



muito bom. Ele caminha sozinho até aqui, faz um lanche, faz o dever de casa e depois vamos para casa juntos. Se nos mudássemos, o ônibus teria que deixá-lo perto de nossa casa e com os telefones sem funcionar durante a magia, não teríamos como ter certeza se ele estaria bem. Meu irmão mais velho morreu a caminho da escola. Ele foi atropelado ...

— Nós dissemos não a proposta, —Cole terminou por ela e a abraçou gentilmente.

— Você tem alguma ideia de quem é o comprador? —Jim perguntou.

Cole sacudiu a cabeça. — Tem que ser alguém no prédio. Conversei com algumas pessoas, mas ninguém admitiu isso. A coisa é que eles estão oferecendo duzentos e cinquenta mil. Se é um dos proprietários e os outros quatro tiveram a mesma oferta, isso faz com que seja um milhão de dólares para o



edifício inteiro. Eu não consigo imaginar nenhum de nós juntando essa quantia de dinheiro. Há Vasil, que administra a Delicatesse. Ele trabalha seis dias por semana e meio dia no domingo. Depois, há o Serviço de entrega ao lado. Nunca vejo mais de três entregadores lá. O cara que comanda, Steve Graham, é um tipo de maluco de academia. Corre maratonas e reclama o tempo todo de como a magia vai fazer todo mundo gordo no futuro. Faz seus entregadores andarem de bicicleta.

— Adora sua filha, —disse Amanda.

— Sim, ele fala sobre ela o tempo todo.

— *O Eleventh Planet* é dirigido por dois jovens de faculdade, —disse Amanda. — Eles promovem jogos de cartas e têm um pote de gorjeta no balcão. Eu ficaria surpresa se eles tiverem duas moedas para esfregar juntas.



— A coisa que eu não entendo é por que do interesse, — disse Cole. — O prédio é antigo e o local é ótimo para nós, mas não é exatamente um centro comercial.

— Você notou algo incomum? —Perguntei. — Comportamento estranho de um dos outros donos, magia estranha?

— Incomum? —Amanda sacudiu a cabeça. — Bem, Vasil não está aqui hoje. Suponho que isso é incomum. Ele geralmente é pontual como um relógio. Um homem muito bom.

— Você acha que virão atrás de nós? —Cole perguntou.

— É uma possibilidade, —disse Jim.

Amanda suspirou. Seus ombros caíram. — Deus, se não é uma coisa, é outra. Sabe, mesmo com todas as coisas que



acontecem, nunca me preocupei com a magia. Só consigo me preocupar com acidentes de trânsito.

Cole colocou o braço em volta da esposa novamente.

Entreguei-lhe um cartão com o meu nome e número de telefone. — Se algo estranho acontecer, por favor, me liguem.



STEVEN GRAHAM acabou por ser um homem interessante em seus quarenta anos. Parecia um entusiasta do ciclismo, seu corpo era tonificado, sua estrutura estreita e seus movimentos eram econômicos enquanto organizava, atrás de um balcão, uma parede de caixas de presente de tamanhos

diferentes e adesivos de preço. O único entregador que permanecia no escritório, por outro lado, parecia mais um porteiro de alguma boate. Ombros largos e musculosos, peito desenhado com músculos. Ele deu a Jim um olhar do tipo: *'eu sou um homem grande'.* Jim olhou para ele por um momento. O entregador cruzou os braços sobre o peito. *Há-há.*

Quando somos jovens, podemos nos esconder atrás de mesas e cadeiras quando ameaçados. Mas ao chegarmos aos cinco anos, esse comportamento não é mais aceitável, então cruzamos os braços sobre o peito, formando uma barreira e protegendo os órgãos vitais. A julgar pelos dentes cerrados e punhos do entregador, ele estava construindo uma barreira infernal entre ele e Jim. *Está certo. Meu Jim é assustador. Mas não vai ajudar você, de qualquer maneira.*

— Envio ou coleta? —Steven Graham perguntou.



— Nem um nem outro, —eu disse, enquanto o entregador e Jim se entreolhavam. O lugar cheirava a suprimentos de embalagem: *papelão e cola.* Fita adesiva plástica havia se tornado muito cara há algum tempo e agora as caixas eram lacradas com fita de papel embebida em cola caseira, feita de amido de milho com água fervente.

Isso é exatamente o que eu cheirei, e muito disso.

— Sou parente de Ida Indrayani, proprietária do salão neste edifício. Ela foi atacada por magia e estamos investigando quem pode ser o responsável.

Steven deu um passo para trás. — Ela está bem?

— Ela está bem por enquanto, —disse Jim.

— Onde diabos esse mundo vai parar? —Steve balançou a cabeça. — Foi um ataque sexual?

O que? — Não, —eu disse. — Foi um ataque de magia.





— Continuo dizendo a minha filha, você tem que carregar um bastão com você. Existem pervertidos e assassinos neste mundo, mas o que se pode fazer? Não se pode mandar as crianças para a escola em um tanque blindado. O que aconteceu com a bondade humana básica? Você sabe, as coisas boas. —Steven acenou para o entregador. — Você pode parar de fazer cara feia, Robbie. Desculpe-o. Nós fomos roubados há um ano. Ele é meu segurança. Está aqui para parecer assustador.

— E se as coisas ficarem realmente sérias? —Jim perguntou.

Robbie flexionou o peito para ele. *Oh seu bobinho, homem bobo.*

— Pare com isso. —Steven acenou para ele.





— Queremos saber se você recebeu alguma oferta para vender sua propriedade, —eu disse.

— De fato, recebi. Algum lunático me ofereceu muito dinheiro por isso aqui. —Steven encolheu os ombros. — Eu teria vendido. Minha filha quer ir para faculdade. Quarenta mil por ano. Qua-ren-ta. Escrevi de volta, mas nunca recebi uma resposta. Acho que foi uma oferta falsa. A quantia de dinheiro era ultrajante.

— Se você recebeu uma proposta, pode ser um alvo também, —disse Jim.

— Bem, isso é ótimo. Fantástico. —Steven sacudiu a cabeça. — Já não bastasse meu pessoal ser agredido na rua, agora isso também. Um dos meus funcionários estava andando ao lado de uma cerca no mês passado e ela brotou dentes e tentou comê-lo. Arruinou a roda de trás.





— Você tem alguma ideia de quem pode estar querendo este edifício ou por quê?

Steven encolheu os ombros. — Quem sabe? Idiotas malucos estão em toda parte. Isso é o que acontece quando as pessoas param de viver corretamente. As pessoas precisam comer melhor, precisam cuidar do corpo. Precisam pensar sobre seu lixo deixado no mundo, sobre os gases tóxicos que produz, sobre os efeitos de sua magia. Enfim, estou aqui há oito anos. Sou o negócio mais antigo do prédio e tenho que te dizer, não há nada de especial nele.

— Obrigado pelo seu tempo.

— Claro, claro. —Steven puxou um cartão do suporte e ofereceu para nós. — Lembrem-se de nós se vocês precisarem enviar algo.





Caminhamos para fora. — Ataque sexual? —Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Ele tem uma filha. Provavelmente está constantemente preocupado que ela seja atacada, —disse Jim.

Nós caminhamos até o *Eleventh Planet*.

— Que cara estranha é essa? —Disse Jim.

— Estava tentador imaginar o segurança grandão dentro da loja, em cima de uma bicicleta. Não consegui imaginar essa cena, mas posso vê-lo facilmente com um taco na mão.

— Eu também, —disse Jim.

— Falando de rostos estranhos, você estava todo sorridente no escritório da quiroprática!

Jim sacudiu a cabeça. — Eu não me lembro disso.

— Eu vi! Eu estava lá. Aconteceu, Jim.





Suas sobrancelhas franziram. Seu rosto ficou tão sombrio que, se tentasse sorrir, provavelmente racharia e se despedaçaria em pedaços. — Você deve estar enganada.

— Jim!

Ele sorriu para mim. Foi um sorriso brilhante e deslumbrante. Isso quase me derrubou. Normalmente, quando Jim mostrava seus dentes para as pessoas, ele fazia isso porque estava prestes a matá-los.

— Antes de me tornar chefe de segurança, trabalhei para Wendelin. Você se lembra dela?

Lembrava sim. Wendelin não era qualquer uma que você esqueceria. Quando ela se juntou ao Bando, decidiu se chamar Wendelin Fuchs, *fuchs* significa raposa em alemão, assim como eu escolhi me chamar Harimau, que significa tigre em indonésio. Com minha pouco visão e aversão por sangue, eu



sabia que teria muitos problemas, então escolhi meu sobrenome porque toda vez que eu dizia ele, me lembrava que eu era um tigre. Wendelin escolheu o dela porque queria enganar as pessoas. Ela se transformava em uma loba, implacável, astuta e assustadora, até mesmo Mahon, o alfa do Clã Heavy que se transformava em um urso Kodiak gigante, fazia esforço para evitá-la. Eu não tinha ideia de que Jim havia trabalhado para ela. Quando o conheci, ele era o beta do Clã Felino, e isso era tudo o que eu sabia dele. Quando Curran fez dele o chefe de segurança depois que Wendelin se aposentou, todos, inclusive eu, ficamos surpresos.

— Nos primeiros três anos que trabalhei com ela tudo o que fiz foi trabalho secreto, —disse Jim. — Fingindo ser alguém que não era. Estando nos lugares certos nas horas certas, ouvindo tudo, conversando com todo tipo de gente, sendo simpático e sendo convincente. Não era minha parte



favorita do trabalho, mas aprendi a ser o que as pessoas esperavam de mim. As pessoas esperam que o Chefe de Segurança seja um sujeito assustador, então eu lhes dou isso. Os metamorfos felinos esperam que seu alfa mostre os dentes toda vez que alguém sair da linha, então eu também lhes dou isso.

Meu coração afundou. — Isso significa que, o Jim namorado carinhoso que você me dá, é porque espero isso de você?

— Não, —disse ele. — Sinto muito, mas você me tem do jeito que realmente sou, o que significa que está ferrada. Porque sou principalmente um idiota.

Coloquei minha mão na maçaneta da porta do *Eleventh Planet*. — Será que você consegue fazer um *geek*[40] engraçado?

[40] É uma gíria inglesa que se refere a pessoas peculiares ou excêntricas, fãs de tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, histórias em quadrinhos, livros, filmes e séries.





— O que ganho se eu fizer isso?

— O que você quer?

— Faça-me o jantar hoje à noite, —disse ele.

Jantar. Oferecer comida era uma coisa especial para os metamorfos. Nossos colegas metamorfos mostravam afeto através da comida. *Dizia tantas coisas sem palavras: Eu me preocupo com você. Vou compartilhar o que tenho com você. Vou proteger você*. E às vezes dizia que eu te amo. Fiz o jantar mais cedo, mas o jeito que ele pediu isso agora enviou pequenos arrepios nas minhas costas. Forcei minha voz a parecer casual.

— Temos um acordo.





MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



OS DONOS DA LOJA de quadrinhos eram garotos de faculdade. Nós só conhecemos um dos donos, Brune Wayne, um cara loiro de vinte e poucos anos, que passava muito tempo na academia, balançava os braços enquanto falava e imediatamente nos explicou que ele tinha o nome do avô e lamentava que o nome dele fosse apenas por uma letra diferente do nome do *Batman*[41]. Seu parceiro no crime, Christian Leander, estava ajudando seus pais com mudanças de móveis hoje. A loja de quadrinhos era como todas as outras lojas de quadrinhos de Atlanta. Com o fim dos computadores, os livros de papel e as revistas em quadrinhos mais uma vez se tornaram uma forma viável de entretenimento, e a loja estava fazendo bons negócios.



41 **Bruce Wayne** – é um personagem fictício que aparece na série da Fox Gotham, baseado no personagem de mesmo nome que é a identidade secreta do super-herói da DC Comics Batman, foi criado pelo escritor Bill Finger e pelo artista Bob Kane, e apareceu pela primeira vez na revista Detective Comics #27.



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Jim sabia muito mais sobre quadrinhos do que eu esperava. Ele e Brune se deram bem, e Brune nos contou, falando sem parar, *'que sentia pena da velhinha simpática e que eles receberam uma carta de oferta pela loja, mas acharam que era uma brincadeira, porque ninguém pagaria tanto dinheiro assim, então jogaram a oferta no lixo. E estas são miniaturas pintadas à mão. Um cara local os faz. Olha! eles são mágicos. Os olhos do dragão brilham. Não é a coisa mais legal que já viu?'*

No momento em que saímos de lá, meus ouvidos estavam zumbindo e eu tinha tantos títulos de quadrinhos e nomes de super-heróis presos no meu cabelo, que precisaria passar xampu duas vezes para tirar tudo. Mas uma coisa estava clara: *Brune não tinha um osso de maldade em seu corpo.*

Frustração me incomodou. Qualquer um que pudesse convocar um enxame inteiro de jenglots era perigoso e não



tinha receio de matar. Até agora tudo o que tínhamos eram possíveis vítimas. Usar esse tipo de magia exigia dedicação e anos de prática. Nenhum deles mostrava algum grande poder, ou magia poderosa, e nenhum deles parecia ter a quantia de dinheiro suficiente para pagar alguém com esse tipo de poder, para não mencionar o uso de um milhão na compra desta propriedade.

Tínhamos que progredir e logo, porque ele ou ela tentaria terminar o que começou. Eu não podia conceber ter que voltar para a família Indrayani e dizer a eles: *'Sinto muito que sua amada avó esteja morta porque fui burra demais para descobrir quem era o responsável'.*

— Olhe, —disse Jim.

Um carro parou em frente a *Delicatesse Vasil's*. Um homem saiu. Ele estava na casa dos cinquenta anos, tinha cabelos

grisalhos. Caminhou até a porta da Delicatesse, com as chaves na mão. Seus dedos estavam tremendo. Seu rosto pálido, seus olhos vermelhos. Deixou cair as chaves, agachou-se para pegá-las, finalmente conseguiu empurrá-la na fechadura, abriu a porta e entrou.

Jim e eu andamos em direção a Delicatesse. Na porta de vidro o sinal FECHADO foi virado para ABERTO. O homem estava sentado em uma cadeira, caído sobre o balcão, como se estivesse cochilando. Jim abriu a porta e eu a vi, a escura nuvem de magia, enrolada em volta do homem, pendurada em suas costas como um saco fantasmagórico repugnante, eriçado como pelos de javali. Fios finos e viscosos cruzavam o pescoço, apertando a garganta e se esticando em volta do rosto, tentando abrir caminho até o nariz e os olhos dele.

Pulei no balcão e agarrei as mãos do homem. A magia sibilou para mim. O saco fantasmagórico nas costas do homem



abriu e um ninho de cobras negras e peludas explodiu, se contorcendo em minha direção, cada uma armada com um bico escuro onde a boca deveria estar. Jim atravessou o balcão e cortou as cobras fantasmas com a faca. Sua lâmina passou por elas sem causar dano algum.

Empurrei mais um pouco da minha magia. Os bicos me atingiram, deixando feridas sangrentas em meus braços. Empurrei mais forte, tentando limpar a terrível escuridão. Ela persistia, apertando ao redor do homem. Continuei empurrando. A magia deslizou para trás, retirando-se de seu rosto, mas apertando suas costas.

O homem abriu os olhos azuis e olhou para mim.

— Senhor Vasil? —Eu perguntei.





— É Senhor Dobrev, —ele disse baixinho. — Vasil é o meu nome. —Ele olhou para as minhas mãos segurando as dele.

— Não me solte.

— Eu não vou, —prometi.

— Dali, fale comigo, —disse Jim, com o rosto sombrio.

— Você vê a magia? —Perguntei a Jim.

— Sim.

— Estou segurando-a agora, mas isso é tudo que posso fazer. Se eu soltar, ela vai engoli-lo novamente.

— Por que isso está acontecendo comigo? —Perguntou Dobrev.

— Não sabemos, —eu disse. — Quando isso começou?





— Duas noites atrás. No começo era apenas um peso, depois uma dor de cabeça. Fui para a cama cedo. Pensei que tinha pegado gripe. Então ela veio.

— Quem é ela? —Perguntei.

Ele se inclinou para mim. Sua voz tremeu. — A bruxa.

— Diga-me mais, —eu disse. — Conte-me sobre a bruxa.

Seu rosto ficou relaxado. Ele tinha mãos grandes e ásperas, mãos de um homem forte, que trabalha muito duro, e seus dedos calejados tremiam. Senhor Dobrev estava apavorado.

— Abri meus olhos. O quarto estava escuro. Eu senti esse peso opressivo no meu peito, muito pesado. Como um carro. Meus ossos deveriam ter rachado e nem sei porque eles não fizeram. E então a vi. Ela estava sentada no meu peito. Ela era ... —Ele engoliu o ar. — Magra como um esqueleto. Cabelos



grisalhos compridos e emaranhados, pêlos pretos nos braços e dedos com garras, como um pássaro. Garras compridas, assim como na pintura.

— Que pintura?

— Uma pintura que vi ... muito tempo atrás. Ela sentou em cima de mim e me olhou fixamente. Não consegui ligar para o meu filho. Não consegui me mexer. Eu não conseguia nem mexer os dedos dos pés. Ficamos assim por horas. Finalmente adormeci e acordei cansado. Muito cansado. Ontem à noite ela veio novamente. Eu mal podia me mover esta manhã. Acredito que está tentando me matar.

Jim olhou para mim.

— A *'síndrome da velha bruxa'*, —eu disse. A maior parte da minha perícia mágica estava ligada a região que os ocidentais chamavam de Extremo Oriente, mas eu tinha

Mais um Projeto das Divas & Lord's



alguma educação sobre os mitos europeus. Você não pode morar nos EUA e não ser exposta a eles.

— Antes da mudança, as pessoas achavam que tinha a ver com a paralisia do sono profundo, que ocorre quando o cérebro passa da fase de movimento rápido dos olhos para a vigília. Às vezes os fios mentais se cruzam e o cérebro acorda parcialmente, mas o corpo permanece paralisado, como se ainda estivéssemos dormindo. É como se um grande peso te prendesse e você sente como se estivesse congelado. Antes da era científica, as pessoas achavam que isso acontecia por causa de demônios, *íncubos e súcubos*[42], ou às vezes, velhas bruxas. Se as lendas são verdadeiras, a velha bruxa irá se alimentar dele até que o mate, e eu não tenho o poder de expulsá-la.

[42] São demônios, de várias tradições culturais, que buscam mulheres e homens para sexo. Qualquer tipo de demônio pode assumir esse papel. Súcubos tomam forma feminina para atacar homens durante seus sonhos, enquanto íncubos fazem o contrário. O objetivo deles é roubar a energia vital da vítima. A palavra "íncubo" vem do latim "incubare" (deitar em cima) e "súcubo" deriva de "succumbere" (deitar debaixo). Os primeiros relatos sobre essas entidades surgiram na Mesopotâmia, por volta de 2400 a.C., mas o mito ganhou popularidade na Idade Média, quando mulheres foram acusadas de encontrar demônios e de praticar bruxaria em troca.





— Nós vamos ter que matar a bruxa, —Jim adivinhou.

É por isso que eu o amava. Ele era inteligente e rápido.

— Senhor Dobrev, —eu disse. — Preciso que você durma.

Ele estremeceu. — Não.

— É a única maneira. Nós estaremos bem aqui. Quando ela vier, vamos cuidar dela.

— Não.

— Você vai acordar novamente, Senhor Dobrev. O senhor não me conhece, mas acredite em mim, vai acordar. Precisa dormir agora, enquanto ainda tem alguma força.

Ele olhou nos meus olhos e soltou meus dedos.

— Respire fundo, —eu disse a ele, tentando parecer confiante. — Tudo vai dar certo. Vai ficar tudo bem.





A magia negra rolou sobre ele. O Senhor Dobrev deu um longo suspiro trêmulo. Ele parecia estar se afogando.

— Tudo bem, —murmurei. — Está bem. Estou aqui. Não vou a lugar algum.

— Por favor, —disse ele. — Por que eu? Por que ...

Eu me senti mal por ele. O homem estava muito assustado. Mas esse era o único caminho. — Deixe acontecer, —murmurei.

Gradualmente, seus olhos perderam a luz e ficaram vidrados. Ele piscou, depois piscou de novo, recostou-se na cadeira e fechou os olhos.

— Se os mitos são verdadeiros, ela tem que se tornar corpórea para matá-lo, —eu disse. — Quando isso acontecer, temos que pegá-la primeiro.

Jim puxou uma segunda faca da bainha em seu quadril.





Nós esperamos. A loja estava quieta ao nosso redor.

— Não entendo, —eu disse. — Tem que estar ligado a *Eyang* Ida. Isso é uma grande coincidência. Mas jenglots e a velha bruxa são literalmente de lados opostos do planeta. Nenhum usuário mágico deve ser capaz de convocar ambos ao mesmo tempo.

— Precisamos investigar o escritório de advocacia, —disse Jim.

— Ele disse que viu a bruxa em uma pintura antes, não foi? —Eu perguntei.

— Sim.

Isso significa alguma coisa. Mas agora, nos sentamos e esperamos.



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5





EU NÃO FAZIA ideia de quanto tempo havia passado. Talvez uma hora. Jim trouxe meu maldito kit de caligrafia para mim e me sentei com ele, minha tinta, pincel e papéis prontos para serem usados. Ohava para os cortes de presunto, salsicha e outros frios por trás do vidro do balcão. Sentia fome. O resto da loja estava cheio de prateleiras apinhadas de produtos enlatados, salgadinhos e frutas e verduras em conserva. Eu realmente queria experimentar alguns, mas pegar sem permissão era roubar.

Poucos minutos depois que a respiração do Senhor Dobrev se estabilizou, a magia repugnante começou a se





arrastar muito lentamente, mudando das costas para o peito e, finalmente, agora estava bem debaixo do pescoço, uma grande bolha feia que ocupava todo o torso até a cintura.

O rugido de um motor de água encantada veio do lado de fora. Olhei através da porta de vidro. Um ônibus escolar amarelo parou na rua.

O saco no peito do Sr. Dobrev tremeu.

Eu me inclinei para frente.

Uma ondulação passou pela pele. Outra. Parecia uma bola de tênis rolando sob um cobertor asqueroso.

Tirei um papel e comecei a escrever uma maldição. A maldição tinha que ser escrita no momento exato que eu a usaria, então comecei a escrevê-la, mas terminaria um segundo antes de realmente usá-la. Parei com o meu pincel. Ouvi um barulho a minha esquerda.





Do lado de fora um garoto, cerca de dez ou onze anos, dava a volta e andava na direção do prédio. *Deve ser o filho de Cole e Amanda.*

Uma garra negra e fina rompeu a superfície da pele do Senhor Dobrev. *Algo estava prestes a sair.*

O ar no meio da rua tremulou, como se de repente, uma nuvem de vapor tivesse escapado do subterrâneo e fosse apanhada num redemoinho empoeirado. *Mas o que ...*

O ar girou, torceu e se transformou em um carro. *Que diabos? Eu nunca ouvi falar de um carro aparecendo magicamente do nada ...*

Minha mente acendeu através da evidência, fazendo uma conexão. *'Meu irmão mais velho morreu a caminho da escola'*, a voz de Amanda disse na minha cabeça. *'Ele foi atropelado ...'* Oh meus deuses!





O carro se materializou. Seu motor acelerou. Não havia ninguém atrás do volante.

— Jim! —Eu apontei para o menino. — Salve-o!

Ele virou-se, viu o carro e o menino, e saltou direto pela janela para a rua, com cacos de vidro voando por toda parte.

Um cotovelo saiu do saco, seguido por uma mão ossuda, cada dedo armado com uma garra negra de dez centímetros. A bruxa estava chegando.

Jim correu pelo estacionamento. O carro, um gigantesco *Dodge Charger*[43], rosnava como uma coisa viva, correndo direto para o menino. Jim corria muito rápido ... *por favor, salve-o, querido. Por favor!*



43 Dodge Charger.





A cabeça da bruxa emergiu, primeiro um olho pálido e sinistro, depois o outro, um nariz longo e torto e uma boca cheia de dentes de tubarão.

O carro potente estava quase no garoto e Jim ainda a três metros de distância.

Por favor, por favor, por favor, não morra.

Jim agarrou o garoto em seus braços e o carro se chocou contra ele, batendo em um poste.

O carro os atingiu! Oh deuses, o Charger bateu neles! Algo dentro de mim quebrou. Congelei em horror agonizante.

A bruxa saiu da bolha e se empoleirou no peito do senhor Dobrev, agarrando-o com os dedos compridos e finos. Ela era do meu tamanho, mas seca, ossuda, sua carne escassa esticada muito apertada sobre a sua estrutura, enquanto sua pele caía em dobras e rugas soltas.





O carro acelerou o motor. *Ainda estava lá*. Não desapareceu e isso poderia significar que o alvo estava vivo.

Jim saltou sobre o capô do Charger e com o garoto ainda em seus braços, pousou no chão e correu na direção do prédio.

A bruxa alcançou a garganta do Senhor Dobrev. Eu escrevi a última letra da maldição e dei um tapinha nas costas dela. — Adagas envenenadas!

Três punhais perfuraram a bruxa, uma após a outra, entrando em suas costas.

O Charger inverteu a posição e perseguiu Jim.

A bruxa guinchou como uma gaivota gigante, cuspiu para mim e seguiu em frente, como se nada tivesse acontecido. *Não funcionou.*

Peguei um novo papel, escrevi outra maldição e joguei para ela. A maldição de vinte e sete pergaminhos de ligação



tinha funcionado para mim antes. A bruxa agarrou o papel. Ele pulsou em uma luz verde. Tiras de papel saíram e caíram inofensivamente no chão. A maldição deveria amarrá-la em nós, mas também não funcionou. *Droga!*

O carro estava atrás de Jim. *Por favor, sobreviva! Por favor!*

A bruxa agarrou o pescoço do Senhor Dobrev.

Peguei um pote de conserva e joguei na cabeça dela. O pote bateu em seu crânio com uma pancada oca. Ela uivou.

— Largue-o! —Eu rosnei.

Jim saltou pela janela quebrada. O Charger bateu na entrada, bem atrás dele, e parou, com o motor rugindo, encravado entre a parede e a armação de madeira. *Preso!*

Peguei outro frasco e pulei no balcão. A bruxa gritou na minha cara e eu bati nela com o frasco. — Saia dele, sua puta!



O Charger rosnou. O metal de suas portas se curvava sob pressão. O carro estava forçando a entrada.

O frasco quebrou na minha mão. O suco de picles tomou conta da bruxa. Ela me arranhou, rápido demais para me esquivar. Suas garras cravaram em meus braços, me queimando como facas em brasa. Eu gritei. Ela soltou e eu vi os ossos dos meus braços através dos cortes sangrentos.

Jim colocou o menino no chão. A criança correu para os fundos da loja. Jim saltou para o Charger e bateu no capô do carro, tentando destruir o veículo. O Charger rugiu. Jim plantou os pés, segurou o capô e fez força. Os músculos dos braços dele se arquearam. Eu vi Jim levantar um carro normal antes, mas o Charger não se mexeu.

Soquei a bruxa na cabeça, colocando toda a força do meu metamorfo nela. *Ela não iria levar o Senhor Dobrev enquanto eu*



respirasse. A bruxa agarrou-me novamente, gritando, cortando meus ombros, suas mãos como lâminas. Eu continuei batendo nela, mas não estava adiantado nada.

Os pés de Jim deslizaram para trás. Um momento e o carro estaria livre da parede.

Era um carro. Eu entendia de carros e Jim entendia de combate corpo-a-corpo. — Troque comigo! —Eu gritei.

Jim olhou para mim, entendendo a mudança de estratégia, soltou o capô do carro e pulou no balcão. Sua faca brilhou e a mão direita da bruxa caiu cortada.

Eu corri para fora da loja, tirei o espelho retrovisor do lado do motorista de Pooki e corri de volta. O Charger estava na metade do caminho, as rodas girando. Escrevi a maldição, coloquei o papel no capô e enfiei o espelho de Pooki nele.

A magia crepitou como fogos de artifício.



O capô do carro afundou, como se um gigante invisível o socasse com um soco. Sua roda dianteira esquerda caiu. Seu teto afundou também, como se tivesse sido socado outra vez. O para-brisa estalou. Algo dentro do carro triturou com um feio estalo metálico. A água saiu pelo buraco do capô. O teto do carro desmoronou. As portas do passageiro e do motorista caíram. Os faróis explodiram. Com outro ruído, todo o veículo estremeceu e desmoronou, parecendo como se algo com dentes colossais tivesse mastigado-o por um tempo e depois o cuspido.

Jim parou ao meu lado. Ele carregava a cabeça da bruxa pelos cabelos dela. Nós olhamos um para o outro, ambos com sangue e cortes pelo corpo, e olhamos para o carro. Jim ergueu as sobrancelhas.

— É a maldição da transferência, —eu disse. — Todo o estrago que já fiz a Pooki por todo esse tempo que tenho ele,





transferi para esse maldito carro aqui. Só que tudo de uma única vez.

Jim olhou para o carro em ruínas. Seus olhos se arregalaram. Ele lutou para dizer alguma coisa.

— Jim?

Jim cerrou sua mandíbula. — Acabou as corridas para você.



SER METAMORFO TINHA suas desvantagens. Por exemplo: *cheiros que seriam comuns para as pessoas normais, para nós poderiam nos deixar malucos.* Se você queimasse





alguma coisa na cozinha, não bastava abrir as janelas, você tinha que abrir a casa inteira e sair dela.

Isso era só um exemplo de como a dinâmica dentro dos grupos e clãs de metamorfos do Bando era diferente da dinâmica da sociedade humana. E, a propósito, a maioria dessas dinâmicas do Bando era besteira.

Sim, nós tínhamos algumas características de nossos animais: *os gatos tinham uma forte tendência a independência; nos bouda, metamorfos hienas, as fêmeas tendiam a ser dominantes; e os lobos exibiam uma forte tendência ao TOC*[44]*, o que os ajudava a sobreviver em estado selvagem, rastreando* e percorrendo longas distâncias. Mas toda a hierarquia do Bando estava muito mais próxima da hierarquia de dominância dos grupos de primatas selvagens, o que fazia

[44] **Toc** – Transtorno Obsessivo Compulsivo: Pensamentos excessivos (obsessões) que levam a comportamentos repetitivos (compulsões).





sentido considerando que a parte humana de nós estava no controle.

E, claro, a desvantagem mais importante era o loupismo. Em momentos de estresse extremo, o Lyc-V, o vírus responsável por nossos poderes, 'florescia' em nossos corpos em grande número. Às vezes o 'florescimento' provocava uma resposta catastrófica e levava um metamorfo à insanidade.

Um metamorfo insano era chamado de loup e não havia como voltar desse estado. O loupismo era um fantasma constante pairando sobre nós.

Mas agora, enquanto eu derramava água sobre os meus braços para lavar o sangue, estava grata por cada célula do Lyc-V no meu corpo. Meus cortes estavam se fechando. Se você observasse perto o suficiente, veria as fibras musculares deslizarem nas feridas. Era incrivelmente nojento.





Amanda se encontrava no chão, segurando o filho e balançava para frente e para trás. O menino parecia que queria fugir, mas ele deve ter percebido que sua mãe estava profundamente triste e então ele sentou-se em silêncio e deixou que ela o apertasse em seus braços. Cole pairava sobre eles, segurando um taco de beisebol e usando aquela expressão tensa no rosto que os homens às vezes ficam quando estão apavorados pelas suas famílias e não sabem de onde vem o perigo. Agora, se uma borboleta passasse por Cole, voando na sua frente, ele provavelmente a deixaria em pó com seu bastão.

O Senhor Dobrev estava olhando para a cabeça de bruxa que Jim colocou em cima do balcão. Ele andou pela loja por um minuto ou dois, examinou os danos, depois voltou para a cabeça e a olhou fixamente.

— Senhor Dobrev, —eu falei calmamente. — Ela está morta.





— Eu sei. —Ele se virou para mim. — Mas não posso acreditar.

— Você disse que a viu em uma pintura antes, não foi?

— Quando eu era um menino. Ela parecia exatamente assim.

Eu tinha razão. Estava completamente certa. *Bom. Bom, bom, bom, porque eu odiava não saber com o que estava lidando.*

Jim entrou pela porta, Brune pálido atrás dele.

— Onde está Steven? —Eu perguntei.

— Ele pegou uma bicicleta e foi para a escola da filha para ver como ela estava, —disse brune.

Bem, eu certamente poderia entender isso.

Jim veio até mim. Derramei água de uma garrafa em um pano que o Senhor Dobrev tinha me dado e limpei o sangue do seu rosto.





— Você está bem? —Ele perguntou baixinho.

— Estou bem, —disse a ele.

Por um minúsculo momento me vi sozinha com Jim na loja, presos em um tempo em que ninguém mais, além de nós, importava, e sorri apenas para Jim. E então a realidade voltou.

— Nós pensamos que era baseado em algum tipo específico de magia ou baseado em dons, —eu disse. — Não é. É baseado em maldição, Jim.

Ele esperou. *Oh. Provavelmente não fez sentido para ele o que eu disse*. Às vezes meu cérebro funcionava mais rápido do que minha boca podia acompanhar.

— A maioria das magias é muito específica. Por exemplo, alguém capaz de convocar jenglots teria que ser um praticante de magia negra indonésia. Essa pessoa não pode também ser um praticante de magia japonesa ou magia indígena, porque



para alcançar um nível poderoso de conhecimento, ele tem que se dedicar completamente à uma determinada magia, no caso, a convocação de jenglots requer um nível alto de conhecimento da magia balinesa. Você não pode ser um mestre de todos os tipos de magia. Faz sentido?

Ele assentiu. — Sim.

— Então, quando vi jenglots, presumi que eles haviam sido convocados por uma pessoa qualificada em feitiços balinês ou uma pessoa com um talento especial de convocação. Mas então nos deparamos com a bruxa. A bruxa não faz sentido no meu primeiro raciocínio. Ela é de origem europeia. Sabemos que está ligada a *Eyang* Ida, porque seria uma coincidência muito grande.

— Logicamente, isso significa que dois usuários mágicos diferentes estão envolvidos, —disse Jim.

— Foi o que pensei, mas depois vi o carro. Não conheço ninguém que possa convocar carros assassinos. Não é um ser mitológico. Isso é algo tirado da ficção de horror. Então me lembrei que, primeiro, *Eyang* Ida temia jenglots porque viu um boneco de um quando criança, depois o senhor Dobrev nos disse que tinha visto a bruxa em uma pintura quando criança também e por fim ...

— Amanda disse que seu irmão foi morto por um carro a caminho da escola, —disse Jim. — Eu pensei sobre isso.

— Essa magia não é baseada em um tipo de magia nem em dons. É baseada em maldição. Eu entendo sobre maldições. Elas funcionam como os programas de computadores costumavam funcionar. Os programas possuíam uma estrutura com padrões rígidos e só funcionavam sob condições muito específicas. Da mesma forma, se um conjunto de condições específicas for atendido, a maldição



funcionará, se as condições não forem cumpridas, a maldição será inativa. Por exemplo, digamos que eu esteja querendo atacar uma pessoa cuja a perna esquerda foi amputada. Eu poderia amaldiçoar aquela porta com a seguinte condição: '*qualquer criatura faltando uma perna ao passar por aquela porta terá gonorreia*'[45].

Jim levantou a mão. — Espere. Você pode realmente fazer isso?

Eu acenei minhas mãos para ele. — Isso não tem importância, Jim.

— Não, isso é o tipo de informação que preciso saber.

— Certo, provavelmente eu poderia.

[45] Infecção bacteriana sexualmente transmissível que, se não for tratada, pode causar infertilidade. Os sintomas incluem dor ao urinar e secreção anormal do pênis ou da vagina. Os homens podem sentir dor testicular e as mulheres, dor pélvica. Em alguns casos, a gonorreia não tem sintomas.





A expressão de Jim ficou em branco. — Lembre-me de nunca te chatear.

— Jim, você vai parar de se preocupar comigo amaldiçoando você com gonorreia? Você não pode adoecer de gonorreia de qualquer maneira, você é um metamorfo. De qualquer forma, sob essas condições que acabei de dar para a maldição da porta, qualquer pessoa de uma perna só que passasse por ela pegaria a doença. Mas em compensação, se um gato de três patas atravessá-la, também pegaria a doença.

— Os gatos podem ser afetados pela gonorreia humana?

— Não necessariamente, mas a maldição ainda tentaria infectar o gato. Se eu quisesse tornar a maldição mais específica, eu a definiria como: *'qualquer criatura com apenas uma perna', o que pouparia o gato de três pernas.* Ainda poderia deixar mais específica: *qualquer homem com uma perna.* Há



um limite para o quão específico se pode ser. De volta à nossa situação atual. Eu acredito que alguém amaldiçoou essas pessoas e especificou a condição de serem vítimas do seu maior medo. Não sei exatamente como essa maldição foi estruturada, mas acho que ela manifesta os medos irracionais que eles têm desde a infância. A maldição depende deles para fornecer os detalhes de seus piores temores. *Eyang* Ida tinha medo de jenglots, então um exame gigante a atacou. Dobrev tinha medo de uma bruxa, por isso uma bruxa o atacou. E o medo de Amanda deu vida ao um carro. Isso é o que Amanda ve em sua mente quando ela se preocupa com seu filho.

— Faz sentido, —disse Jim. — Mas isso não precisaria de muita magia?

— Sim e não. A maldição é uma magia de troca, há um pagamento por ela. Para haver uma maldição, deve haver um sacrifício. Minhas maldições nem sempre funcionam, porque

o preço que pago é pequeno: *papel especial, tinta especial, pincel especial e os anos que passei aprendendo caligrafia.* Isso, —eu levantei meus dedos indicadores e fiz um círculo, englobando a loja arruinada, — isso exigiria um sacrifício real. Sangue, carne ou algo parecido.

Jim franziu o cenho. — O que de tão importante tem esse prédio que faz valer esse tipo de sacrifício?

Ele leu minha mente. — Essa é exatamente a pergunta chave. E eu não sei a resposta. Mas seja lá quem for a pessoa que está os amaldiçoando, não vai parar, vai ter mais, essas pessoas estão em perigo ainda. O que Brune tem medo?

— Brune! —Jim gritou.

O dono da revista em quadrinhos parou. — Sim?

— Quando você era criança, do que você tinha medo?

— De ser baixinho.



— Você é baixinho, —eu disse.

— Sim, mas sou forte. —Brune flexionou os músculos atrás de Jim. — Então, estou bem.

Eu não tinha ideia de como ter medo de ser baixo poderia matar alguém. Meu corpo ainda doía como se alguém tivesse me colocado em um moedor de carne e pensando nisso, minha cabeça doía também.

Uma mudança imperceptível passou por nós, como se o planeta de alguma forma se revirasse em sua cama. A magia desapareceu. As luzes elétricas se acenderam na loja.

Todos exalaram.





MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



DEIXEI JIM PERTO de uma casa segura do Bando. Ele queria tomar um banho e trocar de roupa. Dirigi para o mercado de carne e comprei outro grande bife. E então dirigi para casa. Precisava tomar um banho e fazer o jantar.

A magia sempre tinha um preço, mas na maldição esse preço era definido com muita clareza: *pague por uma determinada mercadoria uma determinada quantia, quanto maior for essa quantia, melhor o resultado obtido.* E a pessoa que estava amaldiçoando os donos da loja sabia exatamente até onde poderia ir. O maldito ou a maldita, espertamente, amaldiçoou para que os piores medos dos proprietários se manifestassem, confiando que as manifestações os matariam. Ele ou ela não os amaldiçoou para morrer. Isso exigiria um sacrifício ainda maior, a própria vida ou a vida de um ente





querido. Qualquer outra vida não serviria. Um sacrifício tinha que vir a um custo real para aquele que lançava a maldição.

Tudo isso me deixava ansiosa. Nós impedimos três tentativas de assassinato, salvando as vidas dos donos das lojas. Isso significava três sacrifícios desperdiçados. A pessoa responsável viria atrás de nós. Eu não tinha ideia de qual era meu maior medo. Bem, não, eu sabia. Meu maior medo era que eu não fosse boa o suficiente. Que eu não fosse mulher o suficiente, sexy o suficiente, gostosa o suficiente. Eu me analisava e me criticava até a morte. Tinha o tipo de cérebro que se recusava a ficar quieto, exceto quando Jim estava por perto. *Então cale a boca e me deixe aproveitar minha felicidade temporária tranquilamente.*

Cheguei em casa, tomei um banho e inspecionei a cozinha. Minha mãe andou trabalhando nela. Havia arroz





cozido, legumes com curry no fogão, e a geladeira tinha sido reabastecida com tudo, tofu, pepinos, maçãs e melancia.

Eu aprendi que Jim, como a maioria dos metamorfos, não se importava com comida excessivamente picante. Ele comia heroicamente, mas preferia temperos mais leves. Enchi uma panela com água, desembrulhei o bife e coloquei dentro. *Sangue. Eeecaa*. O cheiro subiu da água para mim. Peguei uma colher de pau e agitei o bife para remover todo o sangue e possíveis contaminantes. Segurei o bife com uma colher e despejei a água, depois peguei uma toalha limpa, coloquei-a no balcão, coloquei o bife em cima e o enxuguei com a toalha. *Por enquanto, tudo bem.*

Transferi o bife para uma tábua de corte, peguei um pouco de alho, espremi-o através de uma prensa, acrescentei um pouquinho de pimenta, sal e um pouco de azeite, esfreguei tudo com uma colher, espalhando no bife.





Eu ainda podia sentir o cheiro da carne.

E agora eu cheirava a alho. *Olá, Jim, sou sua namorada sexy com cheiro de alho*

Fui até o telefone ligar para minha mãe. Minha magia purificadora veio da linhagem do meu pai. Mas as maldições, os feitiços e a abordagem sistemática, tudo isso era da parte de minha mãe. Ela via as coisas mais claramente, do jeito que eu fazia, mas ela tinha mais experiência.

Minha secretária eletrônica piscava em vermelho. Apertei um botão.

— Dali, aqui é sua mãe.

Como se eu não soubesse.

— Komang ligou. Ela diz que você apareceu na casa dela acompanhada por um homem.

Eu me inclinei contra o balcão.





— Disse que o homem tinha a pele muito escura e que ele se apresentou como seu namorado! Eu quero saber ...

Eu cliquei na próxima mensagem.

— Aqui é sua tia Ayu ...

Cliquei novamente.

— Dali! —Esse era meu primo, Ni Wayan. — Minha mãe me disse que você tem um namorado ...

Clique.

— Namorado? O que? ...

Clique.

Clique.

Clique.

— Dali, —meu tio Aditya disse. Ele morava do outro lado da Carolina do Norte. A magia deixava os telefones inativos





por mais uma hora depois que ela ia embora. *Como eles conseguiram alcançá-lo tão rápido?* — Estou tão feliz por você ...

Pressionei o botão de apagar mensagens e disquei o número da minha mãe. Eu não sabia o que era mais triste, o fato de que minha família vivia para fofocar ou que todos estavam tão radiantes que um homem finalmente se interessou por mim.

Ela não atendeu.

Escutei a secretária eletrônica ligar com um clique.

— Oi mãe. Obrigada pela comida. Descobri o que há de errado com *Eyang* Ida. Por favor, me ligue de volta quando chegar. Preciso de um conselho.

Desliguei e olhei ao redor da cozinha. Eu me senti tão sozinha de repente. *Era assim que seria quando Jim e eu terminarmos?*

Mais um Projeto das Divas & Lord's



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Às vezes não entrar em um relacionamento era a melhor decisão a se tomar. Dessa forma não precisaria lidar com a mágoa. *E olha que nós nem tínhamos tido sexo ainda.*

Não que o sexo sempre melhorasse os relacionamentos ou de alguma forma os consertasse magicamente. Minha primeira experiência sexual não foi incrível. Eu tinha quinze anos, meu namorado na época tinha dezesseis, e foi a primeira vez para nós dois. Nós éramos ambos desajeitados e estávamos nervosos o suficiente para transformar a coisa toda em um longo tatear e apalpar. Ele ficava me perguntando se eu estava gostando disso e daquilo e eu só ficava pensando: *'Se isso é tudo que há nessa coisa de sexo, nossa, é uma decepção'.* Quando terminamos, ele perguntou se foi bom para mim e então perguntou se eu achava que ele tinha um pênis pequeno. Nós silenciosamente terminamos depois disso. Nunca





conversamos sobre isso, apenas seguimos nossos caminhos separados.

Tive outros relacionamentos desde então. Namorei um cara loiro lindo na faculdade. Era o homem mais bonito que eu já tinha visto, mas burro feito uma porta. Ficou atraído por mim porque ele achava muito sexy essa coisa toda de menina mística asiática. Combinado com a minha tigresa branca, ele se apaixonou. O sexo era ótimo, mas eventualmente tínhamos que conversar. Ele ficou desapontado por que descobriu que eu não era chinesa, e nunca entendi por que ele achava que eu seria, porque não pareço uma chinesa. Ele não sabia que a Indonésia era um país. Não conseguiu encontrá-lo em um mapa, mesmo depois que mostrei para ele várias vezes. Contei a ele sobre Bali e dei um livro com fotos. Uma noite, cerca de dois meses depois do início do nosso relacionamento, ele estava deitado na cama ao meu lado e perguntou se eu usaria



um quimono para ele como uma gueixa. E então perguntou se nós tínhamos gueixas de onde eu era. Percebi nesse momento que o nosso relacionamento tinha que acabar.

Houveram outros caras depois dele, mas sempre soube que eles não eram o *'Único'*. Não tive melhores relacionamentos do que isso.

Suspirei. Estava divagando. Não gostava de falhar e, como meu cérebro não conseguia atravessar essa barreira, agora se voltava para dentro em pura frustração. O 'Único' estaria aqui a qualquer minuto, se o Bando não o sequestrasse para salvar o mundo ou resolver alguma crise de vida ou morte. Estaria morrendo de fome. Eu precisava fazer para ele aquele bife.

MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5





TINHA ACABADO DE deslizar o bife da frigideira para a tábua de corte quando a campainha tocou.

Jim.

Corri para recebê-lo.

Jim estava na porta, vestindo preto novamente. Calça jeans preta, camiseta preta e botas pretas.

As cicatrizes nos braços, onde a bruxa o cortara, curaram-se em linhas estreitas. Seu olhar se fixou em mim.

Eu estava usando shorts, uma blusa branca e um avental azul com flores amarelas e brancas. O avental era um pouco longo demais. Percebi que ainda segurava uma espátula.





Havia algo na maneira como Jim olhava para mim, com uma espécie de apreciação prolongada, que fez meu coração acelerar.

— Entre, —eu disse, minha voz estridente.

— Obrigado.

Tranquei a porta atrás dele. *Pobre garota tigre, cega e desajeitava. O que há de novo?*

Ele entrou na minha cozinha. Eu gostava da maneira como Jim se movia, como um gato enorme, sem pressa, quase preguiçoso, a menos que algo lhe interessasse, então ele se movimentaria em uma velocidade ofuscante e um poder esmagador. Seu perfume o seguia. Ele não tinha ideia, mas poderia me fazer todo tipo de coisas estúpidas apenas com o cheiro dele.

Sentou no banquinho no balcão.





— Eu te fiz um bife, —disse e cutuquei com uma espátula. — Ainda está quente.

— Obrigado, —disse ele.

— Você não quer comer? Eu sei que está com fome.

— Não agora.

— Vai ficar frio. —*Olha isso aqui! Passei por um monte de obstáculos para fazer o maldito bife, e ele nem queria, homem estúpido.*

— É melhor deixar o bife repousar alguns minutos depois de cozinhar.

— Por quê? —*Era eu que achava, ou havia um tom estranho, quase um ronronado em sua voz?*

— Se você cortar imediatamente, todos os sucos vão sair e você vai acabar comendo um pedaço seco de carne.

— Eeecaaa. —Acenei minha espátula. — Por favor, mantenha os detalhes carnívoros para si mesmo ...





Ele me pegou pelos meus ombros e me puxou. *Oh meus deuses, as coisas estavam acontecendo*. Seus lábios tocaram os meus, quentes e gentis, forjando uma conexão. De repente, nada mais importava. Larguei a espátula no chão, fechei meus olhos, abri minha boca e o deixei entrar. Seu perfume girou em torno de mim, intoxicante, a pressão de seus lábios nos meus, deliberada, mas cuidadosa. Eu lambi sua língua, minhas mãos acariciando a largura de seus ombros. Os músculos estavam tão duros que podia sentir a tensão sob as pontas dos meus dedos, como se todo o seu corpo vibrasse com um poder mal contido. A sugestão provocou uma grande necessidade dentro de mim. Eu queria que ele se soltasse. Queria o verdadeiro Jim. Se eu pudesse fazer isso, poderia fazer qualquer coisa.

Seu beijo aprofundou-se, tornando-se possessivo, mais áspero, passando de uma provocação para uma sedução dominante. Respiração prendeu na minha garganta. Um calor



lento e aveludado se espalhou através de mim, apertando meus mamilos. Eu o beijei de volta, acariciando seus lábios com a minha língua e dando-lhe um gosto, depois me afastando. Ele me beijou mais forte. O gosto dele enviou arrepios na minha espinha. Meus músculos ficaram quentes e flexíveis. Uma dor suave chamejou entre minhas pernas. Minha mente ficou tonta. Eu tinha que respirar. Estava perdendo o pouco controle que ainda tinha e queria muito que fosse bom para ele.

Seus braços me agarraram, os músculos duros e poderosos deslizando contra os meus ombros quando ele me puxou para mais perto. Eu me empurrei e ele soltou. Nós nos separamos. Abri os olhos e o vi olhando para mim e, no fundo de suas íris escuras, vi um desejo crasso e avassalador.

Oh meus deuses, faria qualquer coisa se ele continuasse me olhando dessa forma.



Ele me queria. Ah, ele me queria também.

Eu me inclinei e mordi seu lábio inferior.

Ele inclinou minha cabeça para trás, sua boca se fechando na minha, o impulso de sua língua selvagem e quente. Meu avental voou e, em seguida, suas mãos deslizaram por baixo da minha blusa. Seu polegar áspero acariciou meu mamilo direito, enviando pequenos choques elétricos através de mim. Eu me inclinei contra esse toque, moendo contra ele, sua ereção tirou meu raciocínio. *Isso tudo por mim*. Ele estava excitado por mim. Estava me beijando. Suas mãos agarraram minha bunda e ele me levantou em seus quadris. Seu pau longo e duro empurrou contra a umidade dolorida entre minhas pernas. Ele se esfregou mais forte contra mim.

Eu queria que fosse o melhor sexo que ele já teve.

Jim se arrancou da minha boca. — Tão bonita.





Por favor, Jim, por favor. Me toque, me beije, me ame ...

Ele beijou meu pescoço, beliscando a pele sensível, cada mordida de seus dentes adicionando combustível ao meu fogo. Gemi, apanhada no turbilhão de sensações, e o montei, enrolando minhas pernas em sua cintura com mais força. Eu o queria dentro de mim. Precisava estar cheia dele.

Ele pulou do banquinho, com as mãos na minha bunda, me acariciando e nos beijamos até o andar de cima. Jim me deixou na cama e tirou a própria camisa. Músculos desenhando seu corpo como cabos de aço. Emoção correu através de mim. Suas botas e calças saíram. Ele era enorme. *Oh uau.*

Jim se inclinou sobre mim e arrancou minhas roupas. Peguei seu pescoço e o puxei para baixo em cima de mim. Ele baixou a cabeça e fechou a boca em um dos meus mamilos,



enquanto a mão acariciava o outro. A onda de prazer rolou através de mim e eu me arqueei, minhas mãos em seus cabelos. Sua boca se moveu para o outro seio. Meu corpo inteiro estava preparado para ele, como se eu estivesse empoleirada na beira de um banho escaldante, pronta para um mergulho.

Ele se levantou acima de mim e eu alcancei sua ereção. Meus dedos encontraram seu comprimento duro, acariciei. Jim rosnou. Eu ri e envolvi minhas pernas ao redor dele. Ele se abaixou sobre mim, seu peso nos braços, sua expressão perversa e quente, tão quente.

— Posso?

O que? Claro que pode. — Sim ...

Jim se empurrou para dentro de mim, fluido e profundo. Prazer explodiu pelo meu corpo e eu gemi seu nome. Ele construiu um ritmo suave e rápido, deslizando dentro de mim,

grosso e duro, cada empurrão uma explosão de êxtase. Tranquei meus dedos nas costas dele e combinei com o ritmo dele. Nós éramos um e eu estava me perdendo na pura felicidade física disso.

Ele fez amor comigo como se eu fosse uma deusa. Tentei segurar e esperar por ele, mas o prazer aumentou dentro de mim e me arrastou para baixo. Derreti em um orgasmo suave e feliz. Jim se moveu mais rápido dentro de mim, latejando, intenso, seu corpo todo tão rígido, os músculos de suas costas tremiam sob meus dedos. Seu rosto ficou feroz. Ele grunhiu e eu o senti jorrar dentro de mim. Passei meus braços em volta do pescoço dele.

Por um tempo ficamos assim e, lentamente, ele deslizou seu corpo grande para o lado e me puxou para ele.

— *Minha.*

Mais um Projeto das Divas & Lord's



Eu pisquei para ele. — O que?

— Você é toda minha. —Ele me agarrou e me colocou sobre ele. — Minha, minha, minha.

Eu ri e me esparramei em cima dele.



JIM ERA UM GATO. E como todos os gatos, ele gostava de lugares macios para deitar e dormir ao redor. Não saímos do quarto. Nós cochilamos, nos abraçamos, fizemos sexo novamente e foi glorioso. E agora apenas curtíamos juntos a companhia um do outro. Nós dois estávamos morrendo de fome, mas descer precisaria de muito esforço.





O sol lentamente se pondo. O mundo lentamente ficando escuro.

— Sobre o churrasco na casa de sua família, —eu disse. — Devo levar alguma coisa?

— Não, eles têm tudo sob controle. —Ele estava brincando com meu cabelo. — Liguei e disse que você iria com certeza. Você terá que dá um desconto a eles. Nunca lidaram com alguém como você.

— Alguém como eu? Indonésio? —*Provavelmente não esperavam que Jim levasse para casa alguém como eu.*

E se eles não gostassem de mim?

— Não, —disse ele. — Vegetariano.

Eu olhei para ele por um momento.

— É um churrasco, —disse ele. — Somos metamorfos felinos. Tudo que se tem em um churrasco é carne. Expliquei





a eles sobre toda a coisa de você não tocar em carne. Eles compraram uma nova grelha para você, mas não conseguem descobrir o que grelhar nela ...

Eu bufei e ri.

Ele sorriu de volta para mim. Meu bonito e inteligente Jim.

— Estou só te avisando: *você pode acabar tendo milho temperado de três maneiras diferentes ...*

Eu ri.

— Eles estão animados, —ele me disse. — Você terá que responder a perguntas. Se ficar muito opressivo, me diga e vou rosnar e me fazer de idiota.

— Táticas de desvio!

— Certíssima. Qualquer coisa pela minha linda garota.





Ele disse que eu era linda. Sorri.

— Eu solicitei um favor em nome do Bando, —disse Jim. — Vamos ver se eles conseguem desenterrar qualquer coisa desse escritório de advocacia.

A campainha tocou. *Quem poderia ser?* Deslizei para fora da cama e olhei para fora da janela. Minha mãe, minha tia, Komang e sua filha estavam na minha porta. *Ah não.*

— Minha família está aqui, —sussurrei. — Não faça barulho.

Ele riu de mim.

— Jim! Eu vou te estrangular.

— Está bem, está bem.

Corri para o banheiro, me limpei, vesti roupas limpas e desci correndo as escadas.





Oh não, o bife estúpido novamente. Corri para a cozinha, peguei a tábua de cortar com o bife e me virei. *Onde coloco isso?* O armário não, mamãe iria encontrá-lo. Nem na geladeira, iria contaminar todos os meus mantimentos ...

Puxei a tampa de madeira do grande cesto de pão, enfiei a tábua de cortar e o bife ali mesmo, fechei-o e corri para a porta.

Minha mãe levantou as mãos. — Novamente?

— Estava dormindo.

— Pensei que estava perseguindo aquele gato de rua que você adotou. —Ela entrou e as outras três mulheres a seguiram.

— Você tem um gato? —Minha tia perguntou.

— Um de rua, —disse minha mãe. — Ela o adotou.

Suspirei, fechei a porta e as segui até a cozinha. Nós nos sentamos à mesa.



— Sobre esse seu namorado ... —A minha mãe disse.

— Não há namorado, —eu disse. — Era um rapaz do Bando. Ele está me ajudando e estava apenas sendo engraçado. Ele é muito brincalhão.

Komang abriu a boca. Aulia arregalou olhos para ela e Komang fechou os lábios e se recostou.

— De qualquer forma, descobri sobre jenglots. — Expliquei sobre a maldição e o prédio. — Esse usuário mágico é muito perigoso e poderoso. Uma coisa é invocar um horror mitológico como uma bruxa. Mas essa pessoa também invocou um carro vivo assassino. As pessoas acreditam na síndrome da velha bruxa, mas a maioria de nós descartaria instantaneamente, como um absurdo completo, um carro assassino. Ele ou ela não requer uma base mitológica para suas convocações. Então, se alguém tem medo de fantasmas, essa

Mais um Projeto das Divas & Lord's

pessoa conjura um fantasma assassino para ele, mesmo que fantasmas não existam.

— Então essa pessoa vai tentar matar a vovó de novo? — Aulia perguntou.

— Acredito que sim, —eu disse. — Mas ele ou ela virá depois que for atrás do pessoal da loja de revista em quadrinhos, do dono da loja de entregas ou de mim primeiro. Essa pessoa está claramente atacando a todos no prédio e eu o deixei com muita raiva. Ele ou ela deve ter sacrificado algo pessoal e agora esse sacrifício foi desperdiçado por minha causa. Essa pessoa pode querer me tirar do caminho.

Minha mãe franziu a testa. — O que há de tão especial nesse prédio?

— Eu não sei. Estou checando isso. É provável que ...



Jim entrou na cozinha. Ele estava usando uma toalha branca em volta dos quadris e nada mais. Sua pele brilhava com a umidade, obviamente acabara de tomar banho.

Olhei para ele com horror.

Ele acenou para minha tia, minha mãe e as outras duas mulheres. — Senhoras.

Então foi até minha gaveta de talheres, pegou um garfo, tirou um prato do meu armário, caminhou até a caixa de pão, espetou o bife com o garfo, colocou-o no prato, virou-se e saiu.

Isso não aconteceu. Isso não aconteceu.

Aulia olhou para mim com olhos tão grandes quanto pratos de sobremesa e disse: — Uau.

Todas as quatro me encararam.

Eu tinha que dizer alguma coisa. Abri minha boca. — Como eu estava dizendo, acho que os próximos dois alvos



seriam os caras da loja de quadrinhos e o dono da loja de serviço de entrega. Suas maldições provavelmente já estão encomendadas. Depois virá atrás de mim, porque com certeza o deixei furioso. Então acredito que *Eyang* Ida está a salvo por enquanto.

— Isso é bom de ouvir, —disse Komang. — Obrigada por tudo que você fez. Nós iremos agora.

Ela levantou. Aulia deu um pulo também.

— Também estou indo, —minha tia disse, sua voz muito alta.

Eu as segui até a porta. Aulia foi a última a passar pela saída. Ela se virou, disfarçadamente apontou os polegares para cima em sinal de positivo e depois correu. Respirei fundo, entrei na cozinha e sentei-me.

— Eu sabia, —disse minha mãe.

Mais um Projeto das Divas & Lord's

O que? — Desde quando?

— Ele veio me ver depois que você o salvou da mulher aranha.

Como eu não sabia disso?

— Ele disse que queria namorar você e perguntou se eu tinha um problema com isso já que ele não é indonésio, mas foi logo avisando, que independente do que eu achasse, isso não o impediria. Eu disse a ele que você era especial e se ele queria conquistá-la teria que se esforçar. Mas avisei que homens mais bonitos tentaram e falharam.

— O que ele disse?

— Ele disse que estava tudo bem e que você era bonita o suficiente pelos dois. E foi aí que eu soube. —Minha mãe sorriu. — Querida, a verdadeira beleza não está no tamanho dos seus seios, no tamanho dos seus olhos ou no quão bonito

é o seu nariz. Tudo isso é temporário. Os seios caem, a pele adquire rugas, as cinturas ficam mais largas e as costas fortes se curvam. Tentei te ensinar isso quando você era mais jovem, mas eu devo ter falhado, porque você nunca aprendeu a lição. A verdadeira beleza está em como o outro faz você se sentir. Quando alguém realmente te ama, quanto mais tempo vocês estiverem juntos, mais bonitos vocês serão um para o outro. Quando ele olhar para você e você olhar para ele, não é a superfície que chamará atenção. Vocês irão olhar para tudo o que compartilharam, tudo pelo que passaram e para todos os momentos felizes que esperam ter juntos.

Seus olhos lacrimejaram. — Seu pai morreu um homem de meia-idade, careca e com uma barriga redonda, mas quando eu olhava para ele, o achava mais bonito do que quando nos conhecemos, e olha que ele tinha vinte poucos anos e todas as meninas ofegavam atrás dele. —Sua voz

tremeu. — Depois de trinta e dois anos, éramos mais que amantes. Éramos família.

Enxuguei as lágrimas dos meus olhos.

— O vínculo existe ou não, —disse minha mãe. — Se o vínculo não existir, não importa o quão bonito vocês dois sejam, acabarão seguindo caminhos separados. Você mudou, querida, desde que vocês dois começaram a namorar. Você não perde mais a paciência com tanta frequência. Costumava colocar suas garras para fora por qualquer palavra atravessada. Ele deve te fazer feliz. Se assim for, se você gosta dele, eu gosto dele também. Se você o odeia, eu o odeio também. Mas acredito que ele te ama e isso é tudo que qualquer mãe poderia querer.

Minha mãe se levantou e foi embora.

Mais um Projeto das Divas & Lord's

MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Por um tempo sentei à mesa chorando e nem sabia o porquê. Cerca de cinco minutos após a porta se fechar, Jim desceu do andar de cima e colocou os braços em volta de mim. Eu me inclinei contra seu corpo e deixei ele me abraçar.



DURANTE A MADRUGADA magia inundou o mundo novamente, mas o telefone tocou mesmo assim. Não era para mim. Era para Jim. Ele ficou no telefone por um longo tempo, enquanto eu fazia o café da manhã e fiquei me perguntando por que não estava pirando sobre o fato de que alguém no Bando sabia claramente que Jim passou as noites aqui comigo.





— Espere um minuto. —Jim puxou o telefone da orelha. — Dali? Eu tenho um conhecido no cartório. Quer saber o que ele encontrou?

— Sim! —Acenei a toalha de cozinha para ele.

— O escritório de advocacia que enviou as cartas de ofertas pelas lojas só existe no papel, —disse Jim. — Ela estava ativa há cerca de oito anos atrás, mas Shirley aposentou-se da advocacia há cinco anos e se mudou, Sadlowski morreu pouco depois, e Abbot morreu há um ano. Mas a firma ainda existe como uma corporação legal. Está registrado na Associação de Advogados da Geórgia, sob o nome de John Abbot.

— Esse que morreu?

— Não, o número de registro profissional é diferente. — Jim franziu o cenho. — Aqui é onde fica interessante. Também pedi para olharem informações sobre o prédio. É antigo, Pré-



Mudança. Os registros são incompletos, mas aparentemente costumavam ser um clube de strip.

— Eu não vejo por que é tão valioso. —Clubes de strip-tease surgiram em Atlanta como cogumelos.

— Era um clube de strip-tease de nudez completa, —disse Jim.

— E?

Jim encolheu os ombros. — Eu não entendo qual é o negócio também. Uma licença para funcionar um estabelecimento de strip de nudez completa é mais cara, mas isso é tudo.

— Qual era o nome do clube? —Perguntei.

Jim repetiu a minha pergunta no telefone. — Martini Obsceno.

Mais um Projeto das Divas & Lord's



— A licença desse clube ainda está ativa? Eles podem descobrir os nomes dos donos anteriores?

— Boa ideia. Verifique se essa licença ainda está ativa e veja o último proprietário, —disse Jim. — Ah e Tamra? Verifique a licença para a venda de álcool para mim.

— Por que a licença de venda de álcool? —Perguntei.

— Um lugar com o nome de Martini Obsceno é susceptível vender álcool. —Jim bateu os dedos sobre a mesa.

Ele estava pensando em alguma coisa. Eu podia ver em seus olhos.

Minutos passaram.

— Certo, —disse Jim. — Obrigado.

Ele desligou e olhou para mim.

— Não me deixe em suspense.





— O nome do dono do clube era Chad Toole. Ele foi indiciado há doze anos por acusações de lavagem de dinheiro, condenado e sentenciado a trinta anos de prisão, —disse Jim. — Morreu enquanto estava encarcerado. Adivinha quem o representou?

— *Abbot, Sadlowski e Shirley*?

Ele assentiu. — Exatamente. A licença de funcionamento do clube ainda está ativa. O clube de strip não está aberto há onze anos, mas aparentemente John Abbot pagou essa licença todos os anos.

— Isso deve ter custado uma fortuna.

— Oh, sim. —Jim assentiu.

— Então deixe-me ver se entendi. Chad Toole é dono de um clube de strip-tease. Ele se mete em problemas, contrata John Abbot para representá-lo e entrega o clube a ele como



pagamento por serviços legais. Chad vai para a prisão e morre. A empresa de John Abbot divide o clube em cinco lojas e vende os espaços separadamente?

— Parece que foi assim.

— Estou confusa. Se John Abbot vendeu o clube, qual é o sentido de continuar pagando pela sua licença de funcionamento? —Pensei em voz alta. — As licenças estão vinculadas a um endereço. John Abbot deve ter vendido apenas quatro lojas e mantido uma. Ele ainda possui um pedaço do prédio original. Essa é a única maneira pela qual sua licença seria válida.

Jim sorriu. — Exatamente. Há mais. O clube também tem uma licença atualizada para venda de bebidas alcoólicas, totalmente paga novamente por John Abbot.

Mais um Projeto das Divas & Lord's



Eu corri pela lista de donos de lojas na minha cabeça. — Acho que podemos eliminar *Eyang* Ida e Vasil Dobrev, —eu disse. — Eles foram atacados.

— Podemos eliminá-los porque estavam pessoalmente em perigo. Provavelmente podemos também eliminar a quiroprática. Eu vi o rosto dela. Ela ama seu filho. Mas não podemos descartar Cole, —disse Jim.

— Você acha que ele poderia tentar matar seu próprio filho?

— As pessoas são fodidas, —disse Jim.

Eu não podia discutir com ele sobre isso. — Então temos Cole, os jovens da loja de quadrinhos, e Steven. Todos parecem inofensivos. —Os proprietários da loja de quadrinhos provavelmente são muito jovens para se envolverem, mas não podíamos descartá-los somente com base em suas aparências.





Tinha todos os tipos de coisas divertidas que se podia fazer com a idade e a aparência das pessoas na mágica Atlanta.

— Nós não conhecemos o segundo garoto da loja de quadrinhos, —disse Jim.

— Isso é verdade. Podemos ir lá e conhecê-lo agora.

— Boa ideia. —Jim se levantou. — Eu dirijo.

Apenas ri e peguei minhas chaves.



ESTÁVAMOS A DUAS quadras das lojas quando vi um homem correndo a toda velocidade pela rua. Ele usava óculos



e uma camiseta com o desenho do punho do Hulk quebrando o chão, e carregava duas crianças de colo idênticas.

Atrás dele dois garotos adolescentes desciam a rua, seus rostos pálidos de medo.

— Pise fundo, —disse Jim.

Apertei o pedal do acelerador e Pooki disparou para a frente. Em duas respirações, vimos o prédio. As pessoas corriam do *Eleventh Planet*, espalhando-se por todas as direções. Uma multidão bloqueava a porta da loja de quadrinhos, batendo com os punhos na porta.

O que diabos estava acontecendo?

Na nossa frente, uma mulher vestia roupas rasgadas, a cabeça estranhamente torta. Ela se virou e olhou para nós. Uma ferida vermelha e crua aberta onde a metade esquerda de

seu rosto deveria estar. Ela gritou e agarrou o nosso carro com os dedos retorcidos.

Os pêlos nos meus braços se levantaram. Alguém no *Eleventh Planet* tinha medo de zumbis.

— Não vale a pena danificar o carro, —disse Jim.

Pisei no freio. Pooki guinchou, diminuindo a velocidade. Antes dele parar, Jim saltou e atacou a zumbi. A faca brilhava em sua mão e a cabeça da mulher zumbi rolou de seus ombros. Jim agarrou e puxou. *Eca, nojento. Eca, eca, muito nojento.*

O corpo da mulher caiu.

Pulei fora de Pooki. Ele jogou a cabeça para mim. Eu peguei. Magia podre tocou meus dedos e recuou. A cabeça derreteu, pele, músculo pingando, se transformou em cinza branca e desapareceu.



Haaa! Ecaa. Minha magia funcionou nessa coisa. Não existiam zumbis em nosso mundo, mas seja lá o que fossem essas coisas, eu poderia purificá-las.

Jim puxou uma segunda faca da bainha na parte baixa de suas costas. Seus olhos brilhavam de verde. — Vamos fazer isso.

Caminhamos para a multidão de zumbis bloqueando a loja de quadrinhos. Eu nunca me senti tão fodona e completamente apavorada ao mesmo tempo em toda a minha vida. Haviam tantos ...s minha magia falhasse, eles nos dilacerariam com seus dentes podres. Por alguma razão, a imagem de dentes amarelos e apodrecidos ficou grudada em meu cérebro. Tremi e olhei para Jim. Ele apenas continuou andando, como se não tivesse dúvidas de que eu destruiria toda a horda de zumbis.





Os zumbis gemiam na porta da loja de quadrinhos, alheios a nós.

— Ei! —Jim rugiu, sua voz profunda e atada com um grunhido.

Eles se viraram e olharam para ele.

— Carne fresca, —disse Jim.

A massa de mortos-vivos se virou e correu para nós, rangendo os dentes podres, as mãos esticadas como garras em nossa direção. Jim girou como um *dervixe*[46], suas facas para fora. Cabeças rolaram.



46 Um **dervixe** é um praticante aderente ao islamismo sufismo que segue o caminho ascético da "Tariqah", conhecidos por sua extrema pobreza e austeridade. Neste aspecto, os dervixes são similares às ordens mendicantes dos monges cristãos e dos sadhus hindus, budistas e jainistas.

Quem quiser saber o que a Dali quis dizer com Jim girando como um dervixe: https://www.youtube.com/watch?v=al5ZuZ6_boI





Eu respirei fundo, pisei ao lado dele e entrei na multidão. Minha magia esperava por minhas ordens. *Sou a tigresa branca*. Uma aura invisível surgiu ao meu redor. Um enorme zumbi com metade de suas entranhas estava correndo direto para mim.

E se não funcionasse? Uma pontada de pânico passou por mim. *Não, não posso pensar assim*. Eu me concentrei no zumbi. Ele tinha mais de dois metros de altura, braços grossos como troncos de árvores.

Você é uma aberração que distorce o equilíbrio.

O zumbi abriu os braços, gemendo, pronto para me esmagar com o seu tamanho.

Eu restauro o equilíbrio. Purifico esta terra.

Ele chegou em mim. Minha magia surgiu, a aura me revestindo, ganhando um brilho suave e claro.





O zumbi me tocou. Um líquido sujo e escuro escorria de seus dedos. Ele congelou como se estivesse petrificado, sua carne escorrendo dele em cachoeiras sujas. Um piscar de olhos e o zumbi se tornou cinzas.

Eu conseguiria fazer isso.

Outro zumbi me agarrou e derreteu. Estendi meus braços e caminhei através da multidão. Eles caíram ao meu redor. Alguns esbarraram em mim, alguns tentaram me morder, alguns tentaram agarrar minhas costas, mas no final, todos eles viraram líquidos, depois cinzas. Ao meu lado, Jim entalhava um caminho através dos corpos, cada golpe de sua faca encontrando o alvo com precisão mortal. Os membros caíam quando ele os cortava, empurrando as facas com força sobre-humana. Cabeças tombaram, pescoços apodrecidos arrancados. Crânios racharam quando as facas perfuraram o cérebro lá dentro.





Nós continuamos. Parecíamos tão perfeitos juntos. Tão perfeito. *Se todas as lutas fossem assim.*

O último zumbi derreteu aos meus pés.

Jim se endireitou, salpicado de sangue, e piscou para mim.

Eu sorri para ele e olhei para a loja. Três zumbis mortos jaziam no chão, dois espancados e um decapitado.

Jim bateu os nós dos dedos na porta.

Duas cabeças surgiram de trás das prateleiras, uma loira, de Brune, e a outra de cabelos escuros, provavelmente de Christian Leander. Eu fiz uma cara engraçada e posei mostrando a carnificina ao lado de Jim.

Os dois caras deixaram seu esconderijo. Leander carregava uma réplica de espada que parecia pertencer a algum bárbaro e Brune brandia um pé de cabra.





Passaram por cima dos cadáveres e Brune abriu cuidadosamente a porta.

— Oi, —eu disse, com um sorriso brilhante.

— Oi, —o cara de cabelos escuros respondeu.

— Você é o Christian?

Ele assentiu.

— Você tem medo de zumbis?

Ele assentiu novamente.

Certo.

— Viu seu vizinho hoje? —Jim perguntou. — Steven Graham?

— Não, —disseram eles ao mesmo tempo.

— E quanto a Cole? —Perguntei.

— Cole e Amanda saíram, —disse Brune.





— Eles foram para *Augusta*[47], —disse Christian. — Até que, seja lá o que está acontecendo, acabe.

— Você tem certeza? —Jim perguntou.

— Eu os levei na *linha Ley*[48] ontem à noite, —disse Brune. — Amanda não queria entrar em um carro depois do que aconteceu ontem, então eu dei-lhes uma carona na minha carroça para o ponto de embarque da Ley.

Jim olhou para mim, uma pergunta em seus olhos.

— Não, —eu disse. — Augusta fica muito longe para a maldição funcionar.

Cole não era o nosso cara.

— Obrigada, —eu disse e fechei a porta. — Steven.

[47] Augusta é uma cidade localizada no estado americano da Geórgia, no Condado de Richmond. Foi fundada em 1736.

[48] Alinhamentos místicos e espirituais (teoria mística) – acredita-se que monumentos históricos e geográficos, assim como elementos da natureza (cordilheiras, rios, cânions, etc.) importantes estão ligados entre sim de forma sobrenatural.





O rosto de Jim se transformou em uma máscara dura. — Vamos visitá-lo.



PEGAMOS O ENDEREÇO de Steven com o segurança da loja de Serviços de Entrega. No começo ele não queria nos dizer, e Jim perguntou se ele era destro ou canhoto. O segurança perguntou o porquê e Jim o informou que se ele não colaborasse iria quebrar o braço que ele não usava muito, afinal Jim não era um grande bastardo assim. O segurança cedeu.

Agora eu estava dirigindo por um bairro de luxo, indo em direção ao prédio de Steven. Todas as casas de ambos os lados



da estrada tinham realmente altas cercas cobertas de arame farpado e pelo menos dez mil metros quadrados de terra. A vida na Atlanta Pós-Mudança exigia cercas e muito espaço entre elas e a casa, para que você pelo menos enxergasse com antecedência o que quer que estivesse vindo em sua direção.

— Qual é o problema com você? —Jim perguntou.

Estive pensando sobre a luta de zumbis. — Nada.

— Eu tenho três irmãs, —Jim me lembrou. — Sei exatamente o que *'nada'* significa.

— O que significa, Senhor Especialista em Mulheres?

— Significa que está chateada com alguma coisa, está incomodando você, mas não quer mencioná-la porque não tem certeza se está disposta a conversar. Às vezes, isso também significa que devo adivinhar por que você está chateada.

Pigarreei, limpando a garganta. Parecia uma boa resposta.



— Você sabe que eu nunca vou adivinhar sozinho, —disse Jim. — Não seja uma covarde. Apenas me diga.

Vamos garota tigre. Você consegue fazer isso.

— Eu só queria compreender o que está acontecendo. Por favor, não ache que estou sendo carente.

— Tuuudo beeem, —disse ele, esticando a palavra.

— Onde este relacionamento está indo, Jim?

— Este é o tipo de pergunta que pode se voltar contra mim, —disse Jim. — Você vai ter que ser mais específica.

— Eu quero dizer o que irá acontecer conosco a partir daqui?

— Descobriremos se Steven é o responsável pelas maldições, daremos uma surra no traseiro dele, depois iremos para a minha casa ou a sua e comemoraremos.

— Você está se fazendo de burro deliberadamente?



— Não, estou sendo muito preciso nas minhas respostas.

Grrrr. — Digamos que, por um acaso, a gente comece de fato a namorar.

— Pensei que já estávamos namorando, —disse ele.

Eu acenei minha mão. — Deixe-me continuar com isso, ou nunca vou chegar ao ponto. Onde você nos vê daqui a um ano, se tudo correr bem e ficarmos juntos?

— Você está perguntando sobre casamento? —Ele perguntou.

— Estou perguntando sobre acasalamento. —Acasalar-se no mundo dos metamorfos era uma declaração de estar em um relacionamento firme e estável. Alguns casais se casavam, outros não, mas o acasalamento cimentava o relacionamento.



— Eu nunca gostei dessa palavra, —disse Jim: — Mas sim. Acasalamento. Casamento. Pensei que em algum momento tinha deixado isso claro.

Fiz um grande esforço de controlar a vontade de surtar porque a palavra casamento saiu de sua boca.

Isso tinha que ser dito. — Isso me faria a alfa do clã Felino.

— Sim.

Palavras saíram de mim, uma atrás da outra. — O que irá acontecer quando formos desafiados, Jim? Meus poderes purificadores não funcionam contra metamorfos. A magia nem sempre estará ativa. Eu não poderei usar minhas maldições sempre que eu precisar e mesmo que pudesse, os metamorfos não me respeitariam por usar magia. Você e eu sabemos que eles só entendem e respeitam as habilidades físicas. Eles me viriam como uma aberração. Não só isso, mas





eu seria uma carga pesada para você. Se você estiver lá e me proteger para que eu tenha tempo de escrever minhas maldições, isso tornará nossa estratégia de batalha previsível. Isso te ancoraria em um só lugar. Eu não sou uma lutadora, mas entendo um pouco disso. Nós sacrificaríamos a mobilidade e o elemento surpresa. Você irá morrer por causa de mim, Jim. Não sou uma alfa. Sou uma tigresa vegetariana, quase cega.

Era isso. Tudo saiu. Só que agora as palavras estavam entre nós, soltas ao ar livre.

Jim abriu a boca.

— Não é que eu não queira ser uma fodona, —eu disse. — Eu quero. Gostaria de nada além de crescer garras gigantes e rasgar, chutar, girar e estripar tudo ao meu redor, mas eu não posso.





Jim assentiu e abriu a boca novamente.

— E nem é o sangue, porque eu posso morder. É só que não sou boa em lutar. Não sou violenta. Tenho medo de me machucar. Tenho medo da dor. Não quero que você morra por minha causa.

Jim olhou para mim.

— Você não vai dizer alguma coisa? —Perguntei.

— Você terminou?

— Sim.

— Dali, você é uma tigresa. Os tigres são os maiores felinos do planeta e pesam mais de trezentos quilos em sua forma animal.

Eu respirei fundo. *Se ele estivesse prestes a brigar comigo porque eu era um tigre e não conseguia lutar ...*

— Espere, —disse Jim. — Me deixe terminar.





Eu limpei minha garganta. — Certo. Continue.

— Você possui uma cura extremamente rápida, mesmo para os nossos padrões metamorfos.

— Isso é verdade.

— Você nem precisa saber lutar para ser uma boa parceira em uma luta. Se você simplesmente sentar no nosso inimigo por um segundo, isso será o suficiente para eu matá-lo.

Eu abri minha boca e fechei com um clique.

— Você está se concentrando nas suas fraquezas. É bom estar ciente de nossas próprias fraquezas, mas é preciso pensar em termos de recursos. Que vantagens você tem?

Eu olhei para ele.

— Você tem tamanho, —disse ele. — Tem cura rápida. Tem patas do tamanho da minha cabeça. Você é majestosa.

— Majestosa?





— Seu pêlo é tão branco que quase brilha. Você é uma enorme criatura majestosa. Quando olho para você em sua forma animal, parece coisa de outro mundo. Há quase um toque de divindade sobre isso. O efeito psicológico disso é impressionante. Qualquer um olha e pensa: *'Como diabos eu luto contra isso?'* Garanto que qualquer atacante hesitará. Mesmo que eles achem você fraca, ainda hesitarão. Essa hesitação é tudo que precisamos. Se o inimigo se sente inseguro, se ele não tem certeza de qual estratégia usar, psicologicamente já ganhamos a luta, porque, deixe-me dizer, lutar comigo requer um compromisso total. Eu não brinco.

Tentei processar o que ele estava dizendo.

— Você é a mulher mais inteligente que conheço, —ele disse. — Pense estrategicamente e use esse seu cérebro ágil. Além disso, acabamos de passar pela casa.





Enfiei o pé no freio e Pooki parou abruptamente, dei ré e estacionei em frente a uma grande mansão de dois andares. A casa estava quieta.

Saímos e fomos até o portão de ferro forjado na cerca de dois metros. Jim chutou a fechadura. O portão se abriu.

— É isso que você pensa quando me ve? —Perguntei. — Que sou majestosa?

— Sim, —disse ele. — Você me perguntou na casa de *Eyang* Ida por que estou com você. Estou porque é inteligente e bonita, e não é como ninguém que já conheci. Não importa o quanto as coisas são difíceis, você se joga nelas. Durante os *Jogos da Meia Noite*[49] você entrou em uma arena com assassinos treinados sem saber se suas maldições funcionariam, porque

[49] Jim se refere aos acontecimentos do livro 3 - Ataques Mágicos, dessa série.





sabia que outras pessoas contavam com a sua ajuda. Isso é o que você faz. Você socorre.

Ele parou, pisando muito perto de mim. Sua voz estava tranquila. — Estou o tempo todo atento a todos ao meu redor, esperando por uma faca nas minhas costas. Não posso evitar ser assim. A paranoia está tão profundamente enraizada agora, que já é uma parte de quem eu sou. Não é sobre o que eles fariam, é sobre o que eles são capazes de fazer. Tenho amigos, mas nunca esqueço que a amizade é condicional.

— Curran não te esfaquearia pelas costas.

— Ele faria se a circunstância o empurrasse para isso.

— Jim, você realmente vive sempre esperando que as pessoas te traiam?

Ele assentiu. — É como passar a vida prendendo a respiração.





— Isso é terrível. —Estendi a mão e acariciei sua bochecha com as pontas dos meus dedos. — Nem todas as pessoas são assim. Algumas são, mas a maioria das pessoas é honesta e gentil. Nossos amigos: *Curran, Derek, Kate, Doolittle, eles são leais a nós.*

Ele pegou minha mão e beijou-a. — Eu amo isso sobre você.

Meu coração estava batendo rápido demais. — Jim ...

— Estou sempre atento a todos e desconfio de todo mundo, mas quando olho para você, tudo que sinto é ... que quero estar com você. Que você nunca mentiria para mim. E se eu precisar de ajuda, estará lá. Com você eu respiro.

Coloquei meus braços ao redor dele. Eu queria agora tirar esse peso dele, de alguma forma protegê-lo disso. Seus braços



se fecharam em volta de mim, seu corpo duro pressionando ao lado do meu.

— Todo mundo tem alguém que é muito importante para si, —disse ele, sua voz tão baixa que só um metamorfo poderia ouvi-lo. — Aquela pessoa que te faz passar por cima de suas próprias regras. Você é essa pessoa para mim. Eu faria qualquer coisa por você.

O mundo parou. Fiquei paralisada, chocada. *Ele acabou de dizer tudo isso para mim, não foi? Eu não estou imaginando tudo isso?*

— Você ainda não respondeu, —ele disse baixinho.

— Não respondi o que?

— Se você será a alfa do Clã Felino comigo.

Ele estava me perguntando ... — Eu não sabia que era uma pergunta.

Ele se afastou e encontrou meu olhar. — É.

Mais um Projeto das Divas & Lord's



— Sim, —eu disse em voz baixa.

Jim sorriu.

Nós andamos até a porta. Jim tentou a maçaneta. Ela virou na mão dele. Ele abriu a porta. Nós cheiramos o ar em uníssono. Steven estava em casa. Nenhum outro cheiro humano vinha do ambiente da casa. *O que diabos ele fez com a filha dele? Talvez ela não morasse com ele?*

Jim entrou pela porta. Eu o segui com passos suaves, acompanhando o cheiro. O interior da casa estava quase completamente vazio. Nada de bugigangas. Nenhuma estante, nem armários. Não havia fotos nas paredes. A casa foi esvaziada. Apenas as cortinas permaneciam, bloqueando a luz brilhante do verão.

Senti o cheiro de sangue e álcool e isso nunca era uma boa combinação.





Nós viramos à esquerda em uma grande sala e paramos.

Steven Graham, completamente nu, sentado de pernas cruzadas no centro de um círculo de sal no canto da sala. Seu pé direito virado para cima, estranho. Parecia muito estranho, deformado, e levei um momento para perceber que faltavam todos os dedos, exceto o polegar. Um pequeno prato estava na frente dele, ao lado de uma caixa de fósforos. No prato, embebido em algum tipo de líquido claro, havia um pedaço de carne sangrenta.

Eu apertei os olhos, tentado enxergar melhor. Aquilo era um maldito dedo cortado? *Eeeecaa!*

Ele estava cortando pedaços de si mesmo em sacrifício. *Eca, eca, eca.*





O sal provavelmente era uma barreira, um feitiço defensivo. Tentei alcançá-lo com a minha magia. Sim, uma barreira e bem forte.

— John Abbot? —Chamei.

— Eu costumava ser John Abbot Junior, —disse Steven. — Mudei meu nome para Steven Graham há muito tempo.

Oh. Agora isso fazia sentido. John Abbot era seu pai.

— Qual é o problema com o clube de strip? —Perguntou Jim.

— Meu pai era um advogado, —disse Steven. — Trabalhei para a empresa dele. A maioria das pessoas fariam de mim um sócio, mas não, meu pai me transformou em um simples associado. Quando Chad Toole foi indiciado, ele tinha pouco dinheiro, então ofereceu o clube de strip ao meu pai. Ser dono daquele lugar em seu auge era como imprimir dinheiro. Magia





havia acabado com a Internet. Todo o pornô online foi embora. Os vídeos foram embora. Meninas ao vivo eram a única opção. Eu queria esse clube. Sempre quis um. Gosto de mulheres. Possuir um clube de strip-tease como o Martini Obsceno seria como ter um maldito paraíso. Toda a buceta de graça que eu quisesse. Sem empecilhos, sem culpa, apenas vá em frente e se entregue.

Ceeerto, havia algo mais repugnante do que dedos cortados.

— O velho bastardo não quis dar para mim. Ele me disse que não iria investir em negócios de bares e clubes. Eu odiava meu pai. Toda a minha vida ele me ferrou. Ele me tratou como um escravo. Trabalhei para ele e para aquele maldito escritório de advocacia por quase nada, e ainda o ouvia reclamar que eu estava cobrando muitas horas extras. Então, um dinheiro desapareceu de uma conta de garantia. Acontece que meu pai,





o famoso John Abbot, estava roubando dinheiro de seus clientes. De repente, precisava de alguém para levar a culpa por ele. De repente, tudo era *'filho'* e *'meu filho'* e *'você vai para a prisão por mim.'* Eu disse a ele que levaria a culpa pelo roubo, mas ele tinha que passar o clube para o meu nome. Eu tenho isso documentado, por escrito. Confessei que roubei o dinheiro, fui preso e cumpri dois anos na prisão.

Steven se inclinou para frente. — Eu era franzino. Fracote. Vocês não têm ideia do que a prisão fez comigo. Como foi a minha vida naquele lugar. Um inferno. Eu me sentei naquela gaiola por dois anos, espancado, estuprado, abusado, mas ficava pensando: *quando sair, vou ter o meu clube.* Essa esperança me mantinha vivo. Viveria como um rei assim que saísse. Todas as bebidas, mulheres e dinheiro que eu queria esperando por mim.



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Steven deu uma risada macabra. — Sai da prisão e descobri que meu pai fatiou o prédio do clube e vendeu um pedaço de cada vez. Vejam só, havia uma lacuna nos documentos que ele assinou. Ele não podia vender o lugar completamente, porque eu possuía uma parte do prédio, mas ele podia dividir o prédio em pedaços e vendê-lo, desde que eu ficasse com um desses pedaços. Uma sala comercial, foi o que o filho da puta deixou para mim. Dei a ele dois anos da minha vida. Arruinei minha carreira e ele me fodeu de novo.

Seus olhos brilhavam na luz. Ele parecia enlouquecido. Deve ter se sentado por dois anos atrás das grades e pensado todos os dias sobre esse clube idiota. Era para ser sua grande recompensa quando saísse da prisão, mas seu pai o traiu. Todo o ódio pelo pai estava, de alguma forma, ligado a esse clube. Agora eu entendi.



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Steven estava obcecado. Faria qualquer coisa para possuir Martini Obsceno. Machucaria qualquer um, mataria qualquer um, só assim ele poderia ter o seu objeto de desejo.

— Não podia esperar que meu pai morresse, —disse Steven. — Eu o teria matado anos atrás, mas fui impedido por uma cláusula no testamento que o velho colocou e que dizia que se ele morresse de maneira violenta, eu não receberia nada. Então tive que continuar a minha vida. Mudei meu nome. Montei um pequeno negócio. E todo esse tempo, meu pai ainda respirava. Foi uma tortura, isso é o que foi. Eu o matava todos os dias na minha mente.

Certo, ele era louco. Clinicamente insano.

Steven apontou para as paredes com uma varredura de sua mão. — O bastardo finalmente morreu. Tenho seu *'palácio'.*





Vendi tudo o que ele possuía. Não há um vestígio dele nessa casa.

— Entendo tudo isso, —disse Jim. — Só não entendo o porquê você está decepando seus dedos.

— A prefeitura agora tem uma nova política, —Steven disse. — *'Use ou perca'.* A partir deste ano, apenas os estabelecimentos ativos que passarem pela inspeção receberão a licença de funcionamento. Há anos venho pagando essa licença e eles nunca me deram problemas com isso e, de repente, agora querem inspecionar o clube. Eu tenho que tirar aquelas pessoas de lá ou vou perder a minha licença. Todas as autorizações e licenças sempre estiveram em dias, a posse do prédio nunca foi contestada, já que eu ainda possuo uma parte dele, e agora, finalmente tenho dinheiro suficiente para abrir as portas em alguns meses. Quando chegasse a hora de renovar a licença, eu estaria já fazendo ouro. O grande problema nos



meus planos é que esses filhos da puta não querem vender para mim. Ofereci-lhes uma fortuna pelos seus pequenos espaços e eles disseram não.

— Você está matando pessoas para abrir um clube de strip, —eu disse. — Isso não parece extremo para você?

Ele olhou para mim. Era como olhar nos olhos de uma galinha. Não havia vida inteligente lá. Esse homem estava tão obcecado por esse clube, que sua mente havia sido consumida.

— Sabe qual é o seu problema? —Ele perguntou. — Você não sabe o que fazer com essa sua boca. Depois que eu terminar com o seu namoradinho aqui, vou resolver isso.

Ótimo. — É assim que você fala com a sua filha também?

— Seria, se eu tivesse uma, —disse ele.

Então ele mentiu sobre isso também.

MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Steven acendeu um fósforo e colocou fogo no dedo do pé cortado dentro do prato. — Vamos ver o que vocês dois temem. A coisa funciona da seguinte maneira: *aquele que tem o medo mais forte ganha. Boa sorte, pombinhos.*

Uma escuridão girou em um redemoinho contra a parede oposta, em meio a uma nuvem vermelha, algo violento, caótico, distorcido se formava. A nuvem cuspiu um metamorfo em forma de guerreiro. Ele tinha dois metros e meio de altura. Músculos monstruosos se projetavam em toda a sua estrutura, alguns deles cobertos de pêlos dourados com manchas pretas e o resto coberto de pele humana escura. Ele parecia que poderia rasgar uma pessoa ao meio com as mãos. Seus ombros eram enormes. Suas pernas eram como troncos de árvores. Garras saiam de suas mãos enormes. Sua boca, cravejada de dentes afiados, cada um maior que meus dedos,



não fechava totalmente. Longos traços de baba se estendiam dos espaços entre os dentes, pingando no chão.

Um cheiro familiar, mas ao mesmo tempo repugnante cortou meus sentidos como uma faca, misturado com um outro cheiro forte e metálico. Esse eu podia sentir na língua, era como moedas de cobre enfiadas na boca. Era o cheiro de estupro, assassinato e terror, o horrível fedor de quando o humano e o animal desaparecem e dão lugar a catástrofe. Meu nariz dizia *'Jim'*, minha mente gritava *'Corra!'* Era isso que a loucura cheirava.

A besta abriu a boca, olhando para nós com olhos verdes brilhantes e familiares, e estalou seus dentes de pesadelo.

— Oh, isso será maravilhoso, —disse Steven. — Vocês me custaram cinco dedos. Eu vou gostar de assistir esse espetáculo

Mais um Projeto das Divas & Lord's



e depois que acabar, vou atrás do meu clube de strip. Aposto que todos irão vender agora.

— Jim, —eu disse. — Tenho medo da rejeição. Do que exatamente você tem medo?

O rosto de Jim estava sombrio. — De ir loup.

É por isso que essa abominação parecia e cheirava tão familiar. Era Jim. Exceto que a coisa era maior, mais rápida e mais forte que o meu Jim. Os loups eram mais poderosos que os metamorfos, o que é chocante. Jim teria que lutar contra a melhor versão de si mesmo e ele tinha apenas eu como parceira. O loup Jim era um metamorfo. Nenhuma das minhas maldições iria funcionar contra ele.

— Dali, —meu Jim disse. — Se concentre. Me ajude a chutar o traseiro dele.

O loup Jim rosnou.



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Meu Jim ficou furioso. Um segundo ele estava lá e no outro as suas roupas estavam rasgadas e um meio homem, meio jaguar de dois metros de altura, na forma de guerreiro, preenchido com músculos apareceu e pronto para lutar.

Eu tinha que mudar de forma. Na pior das hipóteses, teria cerca de um minuto de desorientação, na melhor das hipóteses quinze segundos. Eu não tinha quinze segundos. *Jim estava em perigo.* Agarrei-me a essa informação e a entoei em minha mente, tentando dedicar tudo dentro de mim a esse pensamento. *Jim estava em perigo. Jim estava em perigo ...*

O mundo se dissolveu em milhares de pontos de luz coloridos e borrados. Eles giravam e derretiam, afugentados por um cheiro revoltante.

... em perigo. Jim estava em perigo. Jim estava em perigo.



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



Havia um loup no meio da sala. Ele cheirava como Jim, mas ele não era o meu Jim, porque o meu Jim estava em perigo. Picos de adrenalina dispararam através de mim. Minhas pernas tremiam de medo. Eu era pequena, fraca e eu ...

O loup correu. Estava indo direto para meu Jim. O loup não achava que eu fosse uma ameaça.

Juntos, como um casal de alfas devem ser. Corri e me choquei no loup. Meu ombro bateu nele. O loup saiu voando e bateu na parede. Jim passou por mim e entalhou o tórax do loup com suas garras.

Sangue respingou no chão. O loup girou e chutou Jim. Eu ouvi o estalar dos ossos. Jim passou voando por mim, caindo de costas.





Eu tinha que manter essa coisa ocupada. Fui para cima do loup novamente. Ele deu um passo para trás, muito rápido, e rasgou minhas costas com as suas garras, da cabeça até a cauda.

Oh meus deuses, isso doeu. Isso doía muito. Ele abriu minha carne até os músculos. Cheirei meu próprio sangue.

Não desmaie. Pense! Use seu cérebro. Eu me virei e rugi para ele tão alto que as janelas tremeram. Era o tipo de desafio que nenhum felino ignoraria.

O loup virou para mim e rugiu de volta. Jim aproveitou o momento e se lançou para ele, suas garras como lâminas, cortando e fatiando. Eles rolaram pelo chão. Fiquei por perto, esperando por uma brecha para mordê-lo ou arranhá-lo, mas eles estavam se movendo muito rápido, eram quase um borrão. Jim o golpeava sem parar, o loup deu um pulo e passou





suas garras pelo peito de Jim. Sangue encharcou o pêlo. Jim rugiu, furioso pela dor. Eu me lancei para a perna do loup. Ele girou e me chutou no rosto, bem no nariz. Sangue encharcou meus olhos, enquanto suas garras rasgaram minha pele. Pulei de novo em direção ao loup, ele desviou e eu escorreguei, me chocando contra uma parede. *Eiiitá!* Tudo doía agora. Minhas feridas estavam queimando.

Balancei a cabeça, espalhando o sangue, tentando tirá-lo do meu rosto, desejando que minha pele se curasse rapidamente e me virei.

O loup pegou o braço de Jim, inclinou-o para trás, expondo o peito e enfiou as garras nele.

Não!

Corri em direção a eles, rugindo o mais alto que podia.





O loup soltou Jim e se virou para me encarar. Eu me coloquei entre Jim e o monstro. O loup me atacou, afundando as garras na minha carne. Dor explodiu em mim. Não achava que pudesse me machucar tanto. Bati meu grande corpo nele e afundei meus dentes em sua coxa. A explosão de sangue quente na minha língua foi a coisa mais repugnante que já provei. Tranquei minhas grandes presas em sua perna e o lancei para longe.

O loup aterrissou em pé. Ele estava ferido, mas eu e Jim estávamos mais feridos ainda. O chão na minha frente ensopado de sangue. Por toda parte. Jim estava muito machucado. Ele lutava excepcionalmente bem, mas essa coisa era enorme.

Jim pousou ao meu lado, sangrando, seus olhos brilhando tão intensamente que pareciam chamas. — Lembra o que eu te falei no carro?





Ele me falou muitas coisas! Eu me esforcei para lembrar. *Blá blá, blá, forças, fraquezas, sentar nele? Sentar nele? Que tipo de estratégia de batalha é essa?*

Jim rugiu. Foi o rugido de um jaguar chamando para briga. O loup era um jaguar macho. Ele não seria capaz de resistir.

Fiz um movimento para frente.

— Não! —Jim gritou.

Mas o que? O que ele estava pensando? Ele não queria que eu ajudasse?

Jim rugiu novamente. O loup saltou pela sala e o atacou. Eles se rasgavam e agarravam um ao outro.

Jim queria minha ajuda. Alguns homens tentavam fazer tudo por conta própria, mas Jim não tinha esse tipo de ego. Jim se importava apenas com resultados e objetivos. Tinha que



ser uma distração. *Mas para que ele precisaria de uma distração? Para me esgueirar perto.*

Avancei com passos suaves, circulando, cuidadosamente ficando fora do campo de visão do loup. Eu estava ficando tonta e não conseguia nem descobrir se era o meu corpo entrando em colapso tentando me consertar ou se eu iria finalmente desmaiar por todo o sangue ao redor me deixando nauseada. A lembrança da dor passou por mim. Eu estava com tanto medo de me machucar novamente.

Nada disso importava. Não podia permitir que essa abominação continuasse vivo no mundo. Mataria, violaria, devoraria e cortaria um caminho de destruição pela cidade antes que pudesse ser detido.

Não podia deixar Jim morrer. Eu o amava. Ele era meu tudo.



Estava diretamente atrás do loup. Jim me viu. O loup o segurou em um aperto de morte, seus braços ao redor de Jim, suas garras cavando em suas costas.

Eu me preparei.

Com um rugido de fúria e dor, Jim conseguiu se arrancar do aperto do Loup, deixando pedaços de sua carne nas garras do monstro. Jim pulou e chutou o loup no peito com as duas pernas. O loup voou, caiu no chão e deslizou em minha direção. Eu pulei em cima dele, prendendo-o entre minhas quatro patas, meu pesado corpo pressionando-o no chão e enfiei minhas garras nas tábuas do assoalho de madeira.

O loup fez força, tentando me empurrar de cima dele, esculpindo minhas costas com suas garras. Queimava como fogo.

Só precisava segurá-lo por alguns segundos.





O loup me rasgou novamente. Isso machucou. Doeu muito. Achava que não poderia me machucar ainda mais. Estava errada.

O loup uivou e mordeu meu ombro. Meu osso quebrou sob a pressão de seus dentes.

Eu só tinha que segurá-lo ...

Jim pousou ao meu lado. Suas enormes mandíbulas de jaguar abrindo-se, abrindo mais, mais ainda ... sua mordida era duas vezes mais poderosa que a de um leão. Ele poderia quebrar um casco de tartaruga com os dentes.

O loup levantou a cabeça.

Jim mordeu, suas presas maciças perfurando os ossos temporais do crânio do lobo, bem na frente de suas orelhas. Os ossos estalaram como cascas de ovos. Os dentes de Jim afundaram no cérebro do loup. A abominação gritou.





Suas garras arranharam minhas costas uma última vez e ficaram moles. Jim apertou com mais força. A cabeça se partiu em sua boca e ele cuspiu os pedaços no chão, esmagando os restos nojentos com o pé.

Sai de cima do corpo morto do loup. Cada célula em mim doía. Feridas abertas por todo o corpo de Jim sangravam. Ele estava todo rasgado.

Jim pousou ao meu lado, inclinou-se e gentilmente lambeu meu rosto ensanguentado com sua língua de jaguar. Eu choraminguei e rolei minha grande cabeça contra ele. Ele me lambeu de novo, limpando meus cortes, seu toque suave e terno. *Eu também te amo, Jim. Eu te amo muito. Adivinha? Nós ganhamos. Valeu a pena.*





— Vocês não podem me pegar, —disse Steven. Sua voz tremeu um pouco. — Eu estou dentro de uma barreira de proteção.

Viramos e olhamos para ele com nossos olhos brilhantes. *Homem tolo*. Nós enfrentamos nosso pior medo. Não havia nada que ele pudesse fazer agora.

— Somos felinos, —disse Jim, sua voz um grunhido áspero. — Podemos esperar o rato sair da toca por horas. E quando a onda mágica terminar, a toca do rato deixará de existir.

O rosto de Steven ficou branco como um lençol.

— Chie, ratinho, —disse Jim, sua voz levantando meus pêlos. — Chie enquanto esperamos.

Mais um Projeto das Divas & Lord's



MAGIC STEALS

Ilona Andrews

Livro 6.5



— PAREÇO BEM?

— Sim, —disse Jim. — Você está linda.

— Meu batom é muito brilhante?

— Não.

— Eu deveria ter trançado meu cabelo.

— Gosto do seu cabelo assim.

Eu me virei para ele. Nós estávamos sentados em um Jeep do Bando em frente a uma grande casa. O ar cheirava a fumaça de lenha, carne assada e pessoas.

— Não seja uma covarde, —disse Jim.





— E se eles não gostarem de mim?

— Eles vão gostar de você, mas se não gostarem, eu não me importo.

Jim saiu do carro, caminhou até a porta do passageiro, e abriu para mim. Saí. Eu usava um vestido bonitinho e um chapéu de sol. Minhas costas estavam um pouco doloridas e Jim mancava, seu lado direito ainda muito sensível, mas não podíamos fazer nada sobre isso. Em um mês ou dois as cicatrizes iriam desaparecer. Steven não teria tanta sorte. O mundo seria um pouco melhor sem sua presença.

Jim tocou a campainha.

Socorro. Alguém me ajude.

— Não diga nada precipitado, —eu murmurei. — Nós podemos apenas deixá-los chegar as próprias conclusões ...





A porta se abriu. Uma mulher afro-americana mais velha estava na entrada. Ela usava um avental, e tinha grandes olhos verdes, assim como Jim.

— Dali, esta é minha mãe, —disse Jim. — Mãe, essa é Dali. Minha companheira.

Fim ...

E continua ...



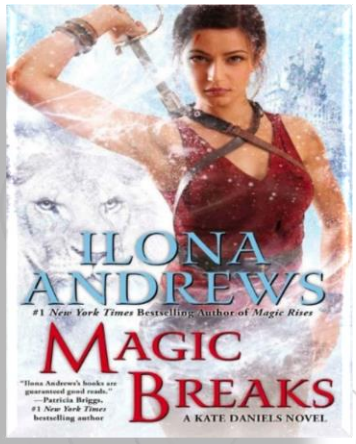
MAGIC STEALS



Ilona Andrews

Livro 6.5

Próximo Lançamento das Divas & Lord's FOREVER
Livro 7 – Magic Breaks



Não importa o quanto a política paranormal de Atlanta mude, uma coisa sempre permanece a mesma: *se houver problemas, Kate Daniels estará no meio dela ...*

Como a companheira do Senhor das Feras, Curran, a ex-mercenária **Kate Daniels** tem muitas responsabilidades, e resolvê-las precisará de muito malabarismo. Além de ainda lutar para manter sua Agência de Investigação funcionando, ela agora deve lidar com os assuntos do Bando, incluindo preparar seu povo para o ataque de Roland, um ser cruel antigo com poderes divinos. Desde que a conexão de Kate com Roland foi revelada, ninguém está a salvo — especialmente os mais próximos de Kate.

Enquanto a longa sombra de Roland se aproxima, Kate é chamada para participar do Conclave, uma reunião dos líderes das várias facções sobrenaturais em Atlanta. Quando um dos Mestres dos Mortos é encontrado morto lá, aparentemente nas mãos de um metamorfo, Kate tem apenas 24 horas para caçar o assassino. E desta vez, se ela falhar, se encontrará envolvida em uma guerra que poderá destruir tudo o que ela ama ...

